

Integração da comunidade PALOP em Bragança

Sténio Michel Gomes de Oliveira Pereira

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Bragança para obtenção do grau de Mestre em Educação Social – Educação e Intervenção ao Longo da Vida

Orientado por

Professora Doutora Marília João Pinheiro Martins de Castro

Bragança

2024

Persistência é o caminho do êxito.

Charlie Chaplin

Agradecimentos

Num mundo globalizado, onde impera a vida em sociedade, carregamos em nós a essência de outros, influências de muitos que, de forma direta ou indireta, moldam o nosso ser, por isso, se torna imperativo agradecer.

Aproveito esta oportunidade para agradecer a Deus que me deu vida e saúde para prosseguir esse desafio.

Aos meus amigos que sempre me apoiaram em tudo e tiveram uma palavra de motivação em momentos de desânimo, um muito obrigado.

À minha orientadora Doutora Marília Castro pelos conselhos e orientações. A todos os meus professores de Mestrado, pelas conversas enriquecedoras e pela ajuda na recolha de dados. Ao Instituto Politécnico de Bragança e ao Gabinete de Relações Internacionais pelos dados facultados. À Cáritas Diocesana de Bragança-Miranda pelo desafio que me foi proposto no desenvolvimento desta temática, o meu mais profundo agradecimento!

Por fim, um agradecimento especial aos meus pais pelo suporte constante e incondicional, à minha namorada pelas palavras de encorajamento, às minhas filhas, que me motivam a querer ser e fazer sempre melhor, pois desenvolver este trabalho em conjunto com uma atividade profissional, foi um enorme desafio como filho, pai, aluno e profissional.

Muito Obrigado a Todos!

Resumo

A integração no ensino superior, principalmente num país que não o da nossa naturalidade, é um processo multifacetado que, dependendo do grau de dificuldade, pode levar ao abandono ou permanência no ensino superior. Os estudantes da comunidade dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) por serem oriundos de países estrangeiros, com culturas diferentes e sistemas de ensino diferenciados, têm uma maior dificuldade neste processo, tanto em relação à instituição de ensino, bem como na vida académica e extra académica.

O presente estudo tem por objetivo contribuir para um melhor conhecimento das necessidades e dificuldades dos estudantes dos PALOP no concelho de Bragança. Para tal, fez-se um estudo descritivo, aplicando um questionário online aos alunos oriundos desses países, residentes na cidade de Bragança, seguido de entrevistas a um restrito grupo de voluntários participantes.

A aplicação destes instrumentos, levou-nos a conhecer melhor os principais fatores de integração e adaptação, tanto na vida académica como extra académica, o que permitiu refletir sobre a necessidade de novas medidas de combate ao insucesso académico.

Neste sentido, o projeto da criação de um gabinete de apoio aos estudantes estrangeiros e migrantes em geral, apresentou-se como uma iniciativa de extrema importância, para que todos, e não só a comunidade dos PALOP, possam integrar-se no ensino superior e na sociedade em que se encontram, de forma satisfatória, ultrapassando limitações e atingindo objetivos académicos e posteriormente socioprofissionais.

Palavras-chave: estudantes PALOP, integração socio-académica, Instituição de Ensino Superior.

Abstract

Integration into higher education, especially in a country other than one's own, is a multifaceted process which, depending on the degree of difficulty, can lead to dropping out or staying in higher education. Students from the Portuguese-speaking African countries (PALOP), who come from foreign countries with different cultures and different education systems, have greater difficulty in this process, both in relation to the educational institution and in academic and extra-academic life.

This study aims to contribute to a better understanding of the needs and difficulties of PALOP students in the municipality of Bragança. To this end, we carried out a descriptive study, applying an online questionnaire to students from these countries living in the city of Bragança, followed by interviews with a small group of volunteer participants.

The application of these instruments has led us to better understand the main factors of integration and adaptation, both in academic and extra-academic life, which has allowed us to reflect on the need for new measures to combat academic failure.

In this sense, the project to set up a support office for foreign students and migrants in general was presented as an extremely important initiative, so that everyone, and not just the PALOP community, can integrate into higher education and the society in which they find themselves, in a satisfactory way, overcoming limitations and achieving academic and later socio-professional goals.

Keywords: PALOP students, socio-academic integration, Higher Education Institution.

Índice de figuras

Figura 1 - Género dos inquiridos.....	21
Figura 2 - Faixa etária dos inquiridos.....	21
Figura 3 - Estado civil dos inquiridos.....	22
Figura 4 - Inquiridos com filhos e sem filhos.....	23
Figura 5 - Filhos que residem com os pais em Bragança.....	23
Figura 6 - Nacionalidade dos inquiridos.....	24
Figura 7 - Dupla nacionalidade dos inquiridos.....	24
Figura 8 - Tempo de residência dos inquiridos em Portugal.....	25
Figura 9 - Meio de subsistência dos inquiridos.....	25
Figura 10 - Rendimento mensal dos inquiridos.....	26
Figura 11 - Rendimento mensal para satisfação das suas necessidades fundamentais.....	27
Figura 12 - Estudante do ensino superior pela primeira vez.....	27
Figura 13 - Nível de ensino dos inquiridos.....	28
Figura 14 - Ano de ensino dos inquiridos.....	28
Figura 15 - Principais razões para os inquiridos estudarem em Bragança.....	29
Figura 16 – Frequência de atividades extracurriculares, tais como Música, Dança, Teatro, Desporto.....	30
Figura 17 - Permanência em Bragança.....	30
Figura 18 - Conhecimentos antes de chegar à cidade.....	31
Figura 19 - Local de residência dos inquiridos.....	31
Figura 20 - Partilha de residência com pessoas da mesma nacionalidade.....	32
Figura 21 - Experiência em relação à adaptação na partilha de casa com um estudante português.....	32
Figura 22 - Características da cidade de Bragança.....	33
Figura 23 - Apoios recebidos.....	34
Figura 24 - Necessidade de apoio de algumas instituições.....	35
Figura 25 - Rendimento mensal dos inquiridos.....	36
Figura 26 - Avaliação das dificuldades académicas dos inquiridos.....	37
Figura 27 - Aspetos ou serviços a precisarem de uma melhoria a fim de servirem da melhor forma os alunos dos PALOP.....	39
Figura 28 - Importância da criação de um gabinete de apoio aos estudantes estrangeiros e migrantes em geral.....	40

Lista de abreviaturas

AEAB	Associação de Estudantes Africanos em Bragança
ES	Ensino Superior
IPB	Instituto Politécnico de Bragança
ONU	Organização das Nações Unidas
PALOP	Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa
SEF	Serviços de Estrangeiros e Fronteiras

Índice Geral

Epígrafe	i
Agradecimentos	ii
Resumo	iii
Abstract	iv
Índice de figuras	v
Lista de abreviaturas	vi
Introdução	1
Capítulo I – Bragança e os PALOP	3
1. Breve caracterização e enquadramento geográfico de Bragança	3
2. Caracterização sucinta dos PALOP.....	4
2.1. Cabo verde.....	4
2.2. Angola	5
2.3. Guiné-Bissau	6
2.4. Moçambique	7
2.5. São Tome e Príncipe.....	7
2.6. Guiné-Equatorial	8
3. A qualidade do ensino nos PALOP	8
4. Vicissitudes de um processo de aculturação.....	14
4.1. Das necessidades as dificuldades	15
4.2. Da adaptação à aculturação	16
Capítulo II – Estudo empírico	19
1. Metodologia.....	19
1.1. Objetivos.....	19
1.2. Tipo de estudo e técnicas de recolha de dados	19
1.3. Tratamento de dados.....	20
2. Delimitações	20
2.1. Delimitação geográfica.....	20
Capítulo III – Análise e discussão dos resultados	21
1. Análise dos dados obtidos através do inquérito por questionário	21
2. Análise dos dados obtidos através das entrevistas.....	41
2.1. Caraterização dos participantes nas entrevistas.....	41
2.2. Análise de conteúdo das respostas obtidas nas entrevistas.....	42

Capítulo IV – Proposta de intervenção social	45
1. Justificação de proposta.....	45
2. Procedimentos	46
Conclusões e recomendações	47
Referências bibliográficas	49
Anexos	53
Anexo I – Solicitação de autorização para aceder e aplicar o inquérito por questionário elaborado no âmbito do estudo “Diagnóstico de necessidades em rede” (Email enviado à coautora Professora Doutora Rosa Novo, a 12 de outubro de 2021)	53
Anexos II – Autorização para acesso ao inquérito por questionário elaborado no âmbito do estudo “Diagnóstico de necessidades em rede”	53
Anexo III – Inquérito por questionário “Diagnóstico de necessidades em rede” (re)aplicado online pelo <i>Google forms</i>	54
Anexo IV – Termo de consentimento informado assinado pelos participantes da entrevista	62
Anexo V – Guião para entrevista	63
Anexo VI – Quadro sinopse elaborado a partir das três entrevistas	66

Introdução

Esta dissertação tem como principal objetivo conhecer as dificuldades e as necessidades que os estudantes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) enfrentam no decorrer dos seus estudos no ensino superior e durante a sua estadia em Bragança (cidade e instituição de ensino).

Desde sempre, as línguas desempenham um papel determinante na comunicação entre povos, principalmente aqueles com culturas e idiomas diferentes (Silva et al., 2009; Abdula, Timbane & Quebi, 2017). Assim sendo, os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), nomeadamente Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique e São Tomé e Príncipe, apesar de terem as suas “línguas nacionais”, têm o português como língua oficial, permitindo facilitar as necessidades comunicativas dessa comunidade (Silva et al., 2009; Timbane & Balsalobre, 2017) no ensino superior português.

Após a descolonização dos países africanos, desde 1975, o número de alunos oriundos dos PALOP a frequentar as universidades portuguesas tem vindo a aumentar de forma exponencial. Posto isto, é essencial estudar o processo de transição dos estudantes dos PALOP para Portugal, visto que este vem acompanhado de várias dificuldades académicas e extra académicas (Doutor, Marques & Ambrósio, 2016).

Portanto, esta dissertação tem como principal objetivo conhecer as dificuldades e necessidades que os estudantes dos PALOP enfrentam no decorrer dos seus estudos superiores e, durante a sua estadia em Portugal, mais especificamente em Bragança.

A justificação para a escolha deste tema deve-se, em primeiro lugar, ao facto de pertencer a esta comunidade e pretender confirmar as principais dificuldades e necessidades da mesma, o que torna esta temática de interesse pessoal.

Em segundo lugar, por ser ainda um assunto pouco estudado, principalmente em Bragança. Este estudo surge como uma forma de contribuir para um melhor conhecimento e compreensão dos problemas vivenciados pelos estudantes dos PALOP, durante a estadia e os estudos superiores, nesta região transmontana, bem como desbravar caminhos de resolução para dificuldades e necessidades sentidas.

Quanto à organização e à estrutura do trabalho, esta encontra-se dividida em quatro capítulos, sendo estes, o enquadramento teórico, o estudo empírico através de resultados obtidos por dois instrumentos de pesquisa, nomeadamente um inquérito por questionário, que necessitou de autorização das suas autoras (**Anexos I e II**) e uma entrevista, bem como a apresentação de uma proposta de intervenção social.

No **primeiro capítulo** “Bragança e os PALOP” é feita uma abordagem com base em estudos semelhantes, definindo os principais conceitos usados nesta dissertação, tais como a contextualização de necessidade, dificuldade, adaptação e aculturação, permitindo fazer interligações e perceber as fases nesse processo de mudança. Além disso, ainda se fez a caracterização de Bragança e dos seis países que constituem os PALOP, e uma abordagem sobre a qualidade de ensino nos PALOP.

No **segundo capítulo** “Metodologia” reporta-se a metodologia usada ao longo do trabalho de investigação, nomeadamente o tipo de estudo, os objetivos, o tratamento de dados, as técnicas de recolha de dados, e a delimitação geográfica e tipológica.

No **terceiro capítulo** “Análise e Discussão dos Resultados”, tanto dos resultados do inquérito por questionário são analisados, e de seguida, é feita uma discussão das mesmas, havendo também, um cruzamento dos resultados; caracterização dos participantes das entrevistas e análise de conteúdo a partir das respostas obtidas pelas entrevistas.

No **quarto capítulo** foi elaborado uma proposta de intervenção social, com o objetivo de dar resposta às necessidades observadas durante este estudo, principalmente no processo de integração e adaptação dos estudantes proveniente dos PALOP.

No término, incluem-se com as possíveis conclusões e recomendações tiradas a partir do presente estudo.

Capítulo I – Bragança e os PALOP

Este capítulo engloba a caracterização região de Bragança e da instituição de ensino superior onde residem e estudam os estudantes que constituem a amostra deste estudo. Ainda, engloba uma sucinta caracterização de cada um dos seis países que constituem os PALOP. Esboça-se uma tentativa de avaliar a qualidade do ensino nestes países, bem como as vicissitudes do processo de aculturação que os estudantes oriundos dos PALOP atravessam.

1. Breve caracterização e enquadramento geográfico de Bragança

Bragança encontra-se localizada na Região Norte e sub-região de Terra de Trás-os-Montes, no Nordeste de Portugal. A cidade de Bragança é a capital do distrito de Bragança e é a sede do Município de Bragança, sendo considerado o oitavo maior município português (Ribeiro & Gonçalves, 2008).

O Município de Bragança tem uma área de 1173,57 Km², 35341 habitantes e 39 freguesias. No entanto, o distrito tem uma área total de 6608 Km², o que o torna o quinto maior distrito português, constituído por 148808 habitantes e 12 concelhos (Ribeiro & Gonçalves, 2008).

O Município encontra-se limitado a Norte e Leste por Espanha, mais propriamente pela província de Zamora, a Sudeste pelo município de Vimioso, a Sudoeste por Macedo dos Cavaleiros e a Oeste por Vinhais (Ribeiro & Gonçalves, 2008).

Os celtas batizaram a cidade, fundada no século II a.C., com o nome de Brigância, que se foi latinizando até passar a ser "Bragança". (Município de Bragança, 2021).

A cidade conta com alguns pontos turísticos e culturais, nomeadamente o Centro de Fotografia Georges Dussaud, Museu do Abade de Baçal, Teatro Municipal de Bragança, Museu Ferroviário de Bragança, e o Museu Militar, mais conhecido como Castelo de Bragança, que é um dos pontos turísticos mais conhecidos da cidade, contanto com restaurantes e bares, atraindo muitos jovens e turistas (Município de Bragança, 2021).

Quanto ao desporto, Bragança conta com o futebol como sendo o desporto mais representativo do município, tendo no Grupo Desportivo de Bragança o seu maior representante.

Segundo os últimos dados estatísticos, o grupo etário em maior quantidade a residir na cidade de Bragança é dos 25 aos 64 anos, seguido dos maiores de 65 anos. Os gentílicos são

conhecidos como brigantinos ou bragançanos, além dos raramente usados, bragantino, braganção e bragancês (INE, 2021).

Quanto ao clima, a cidade tem um clima bem temperado, tendo um verão quente e seco, com dias de soalheiro e ondas de calor, que podem ultrapassar os 35 graus celsius. Nessa altura, a precipitação é bastante escassa, podendo cair apenas devido a trovoadas no fim da tarde (IMPA, 2020).

O inverno é bastante longo, frio, húmido e chuvoso, o que torna os dias de sol bastante incomuns. A cidade é conhecida como uma das cidades portuguesas que mais neva, o que varia de ano para ano, e de distrito para distrito. A temperatura mínima média durante o inverno varia entre 0 e 3 graus celsius, atingindo também graus negativos (IMPA, 2020).

Relativamente à cidade, pode-se dizer que Bragança tem tido algum sucesso a nível regional e internacional pelo facto de ser a capital do distrito, e com isso, envolver uma maior atratividade populacional, contendo em maior escala as faixas de população em idade ativa e jovem, pela elevada qualidade de vida e menor custo de vida (Município de Bragança, 2021).

A nível europeu, Bragança foi considerada uma das cidades com melhor qualidade de vida, obtendo as pontuações mais elevadas nos campos da habitação, da segurança e da qualidade do meio ambiente (IPB, 2021).

Sé e Santa Maria são as duas freguesias com maior atratividade relativamente às restantes freguesias do concelho, pelo que concentram mais de metade da população concelhia (INE, 2021).

A cidade de Bragança tem sido uma das cidades que mais acolhe alunos dos PALOP, crescendo ano após ano o número de inscritos, no Instituto Politécnico de Bragança (IPB, 2021).

2. Caracterização sucinta dos PALOP

2.1. Cabo verde

Cabo verde é um país africano, constituído por dez ilhas vulcânicas, sendo nove delas povoadas e uma sem habitantes. O país conta com as ilhas de Santo Antão, São Vicente, Sal, Boa Vista, Santiago, Maio, Brava, Fogo, Santa Luzia e São Nicolau, que estão localizadas na região central do oceano atlântico, a 640 km a oeste de Dacar, Senegal, com uma área total de aproximadamente 4000 quilómetros quadrados. A capital do país é a Praia, localizada na ilha de Santiago (Ferreira, 1997).

O país foi descoberto em 1460 pelos portugueses, sendo povoado por escravos levados de diferentes pontos de África. Assim sendo, o povo cabo-verdiano é descendente dos antigos escravos africanos e dos seus senhores portugueses (Ferreira, 1997). Hoje o país conta com uma população estimada 560 mil habitantes e conta com 17 concelhos,

Geralmente o clima do país é seco e quente, com temperaturas que variam entre os 20° e 25°C. Apesar de serem caracterizadas como sendo ilhas montanhosas, apenas na ilha do Fogo se encontra um vulcão ativo, o qual deu origem ao nome da respetiva ilha. Nos meses de Janeiro e Fevereiro, o país costuma ter muito vento e muita neblina, devido a ação das tempestades de areia vindas do deserto Saara (Ferreira, 1997).

Quanto as línguas faladas em Cabo Verde, têm a língua oficial que é o português, e a língua nacional ou “materna” que é o crioulo. Cada ilha tem o seu crioulo próprio, e apesar de serem diferentes, não se torna uma barreira dentro do próprio país, visto que todos se entendem (Ferreira, 1997).

A economia de Cabo Verde tem vindo a se desenvolver nas últimas décadas e o turismo se transformou em uma parte importante da economia do país, principalmente nas ilhas do Sal e da Boavista.

Uma das maiores riquezas do país é a agricultura, mas além de estar restrita a apenas quatro ilhas, tem sido atrapalhada pela seca e chuvas irregulares, o que faz com que as ilhas de Cabo Verde tenham poucos recursos naturais (Ferreira, 1997).

2.2. Angola

Angola é um país africano localizado na costa ocidental africana, contando com uma superfície de 1.246.700 Km² e com uma população estimada de 29 milhões de habitantes. A cidade de Luanda é a capital do país, que está dividida também, em 18 províncias, nomeadamente Bengo, Benguela, Bié, Cabinda, Cuando-Cubango, Cuanza Norte, Cuanza Sul, Cunene, Huambo, Huila, Luanda, Luanda-Norte, Luanda-Sul, Malange, Moxico, Zaire, Uíge e Namibe (Afronegocio, 2014).

Angola, como já foi mencionado anteriormente, foi uma colónia portuguesa por aproximadamente cinquenta anos, tornando-se independente em 1975. As primeiras eleições democráticas aconteceram em 1992, sendo eleito um parlamento. Ainda, passou por um período de Guerra desde 1961 até 2002. Tem como língua oficial o português, embora existam outras línguas nacionais, sendo as principais o Kimbundo, o Kikongo, o Fiote, o Tchokwe e o Umbundo (Afronegocio, 2014).

Quanto ao clima, distinguem-se duas estações, a quente (das chuvas) e a fria (da seca). Geralmente a estação das chuvas vai de agosto até meados de maio, e a estação da seca, Começa em maio e vai até meados de agosto (Afronegocio, 2014).

Angola é um país extremamente ricos em minerais, principalmente diamante, petróleo, ferro, cobre, ouro, prata, manganês, entre outros. Os minerais mais explorados são o petróleo e o diamante, sendo essas as fontes que asseguram a economia nacional. Além dos minerais, das principais culturas angolanas, temos como destaque a do milho, arroz, tabaco, coco, algodão, cana-de-açúcar e amendoim, além dos maiores rebanhos que são o bovino, o caprino e o suíno (Afronegocio, 2014).

O ponto mais alto de Angola é o morro do Moco, com 2620 metros de altura, porém, de uma forma geral, as altitudes variam entre os 1000 e os 2000 metros. O país está dividido entre as florestas tropicais a norte e cabinda, um planalto interior húmido, uma savana seca no interior sul e sueste, e uma faixa costeira árida, que se estende desde o Namibe até Luanda. Os maiores rios são o Kwanza, o Cunene e o Cubango (Afronegocio, 2014).

2.3. Guiné-Bissau

A Guiné-Bissau é um país da Africa Ocidental com 36.125 Km² e com uma população de aproximadamente de 1,6 milhões de habitantes. O país integra cerca de quarenta ilhas que fazem parte do arquipélago dos Bijagós, separados do continente pelos canais de Geba, Pedro Alvares, Boloma e Canhabaque. A capital do país é a Bissau, sendo considerada a principal cidade da Guiné-Bissau (Benzinho & Rosa, 2015).

O país foi a primeira colónia portuguesa no continente africano a ter independência reconhecida por Portugal, em 1973. No entanto, a independência só foi reconhecida na Revolução dos Cravos em 10 de setembro de 1974 (Benzinho & Rosa, 2015).

Os habitantes da Guiné-Bissau, etnicamente diversos, o que faz com que as línguas faladas pelos nativos sejam distintas, nomeadamente a fula, o crioulo e a mandinka, que é a língua nacional. Assim como em todos os outros PALOP, a língua oficial do país é o português. O clima do país geralmente é quente e húmido, tendo uma estação chuvosa no período de junho a novembro, e uma estação de seca, que vai de dezembro à maio (Benzinho & Rosa, 2015).

A Guiné-Bissau depende da agricultura e da pesca, maioritariamente, mas também é um grande produtor de castanhas de caju. Além de produtor, exportam peixe, frutos do mar, amendoim, sementes de palma e madeira. O arroz é um dos cereais mais produzidos na região, sendo também, um dos alimentos típicos do país (Benzinho & Rosa, 2015).

2.4. Moçambique

Moçambique é um país africano localizado no Sudeste do Continente Africano, com uma área total de 801.590 Km² e uma população estimada de aproximadamente 28 milhões de habitantes. A capital do país é Maputo e está dividido em onze províncias, nomeadamente Cabo Delgado, Gaza, Inhambane, Manica, Maputo (cidade), Maputo (província), Nampula, Niassa, Sofala, Tete e Zambézia (CESO CI Portugal, 2011).

O país, depois de cinco séculos de colonização, tornou-se independente a 25 de junho de 1975. A única língua oficial de Moçambique é o português, assim como nos outros PALOP, a população tem as línguas nativas mais comuns, nomeadamente o macua, o tsonga e o sena. O país tem um clima húmido e tropical, com temperaturas médias que variam entre os 13°-24°C em julho a 22°-31°C em fevereiro (CESO CI Portugal, 2011).

Moçambique é caracterizado como sendo um país extremamente rico em recursos naturais. A sua economia é baseada, na sua maioria, na agricultura, mas o fabrico de bebidas e alimentos, bem como produtos químicos, alumínio e petróleo, cresce cada vez mais. Nas últimas décadas, o turismo no país também tem aumentado bastante (CESO CI Portugal, 2011).

2.5. São Tomé e Príncipe

São Tomé e Príncipe, oficialmente conhecida como República Democrática de São Tomé e Príncipe, é um país insular, localizado na costa equatorial ocidental da África Central, e que consiste em duas ilhas principais, ilha de São Tomé e ilha de Príncipe. Ambas as ilhas estiveram desabitadas até a sua descoberta em 1470 e hoje conta com uma população estimada de 204 mil habitantes e uma área total de 1001 Km² (Caixa Geral de Depósitos, 2014).

Na ilha de São Tomé encontra-se a capital do país, que conta com a cidade mais populosa. A maioria do povo santomense fala português como a sua língua oficial e materna, mas, no entanto, ainda existem variantes restruturadas de português que são falados como o forro, crioulo cabo-verdiano, angolar e o linguíé (Caixa Geral de Depósitos, 2014).

O país conta com um solo vulcânico extremamente rico, o que faz com que seja ideal para o cultivo de açúcar, cacau e café. Recentemente, São Tomé e Príncipe tem apostado no turismo para o desenvolvimento da economia do país, e a descoberta de petróleo nas suas águas, abriu novas perspectivas para o futuro (Caixa Geral de Depósitos, 2014).

2.6. Guiné-Equatorial

A Guiné-Equatorial é um país localizado na África Ocidental e dividido em diversos territórios descontínuos no Golfo da Guiné, nomeadamente um continental, Mbini (antiga colónia espanhola), e outros insulares. Com uma superfície de 28.051 Km², o país conta com uma população residente estimada de 1.221.490 habitantes (P3LP, 2016).

A capital do país é a cidade de Malabo. O país tem um clima tropical, dividido em estações secas e húmidas distintas. No geral, a temperatura do país varia entre os 16° C e 33° C (P3LP, 2016).

Antes da independência, exportavam muito cacau, madeira e café, mas após a descoberta de grandes reservas de petróleo, o país tem explorado o produto, o que tem ajudado bastante no seu desenvolvimento. Desde 2004, a Guiné-Equatorial é conhecido como o terceiro maior produtor de petróleo da África Subsaariana. Além disso, a silvicultura, a agricultura e a pesca, têm sido componentes bastante importantes para o Produto Interno Bruto (PIB) do país (P3LP, 2016).

Sendo o país mais recentemente integrado nos PALOP (2014), a Guiné-Equatorial tem três línguas oficiais, nomeadamente a língua castelhana, a francesa e a portuguesa. No entanto, apesar de são serem línguas oficiais, os idiomas mais falados no país são o fang e o pidgin inglês (P3LP, 2016).

Em síntese, de forma geral, pode dizer-se que os PALOP são países pobres, em que apenas Cabo Verde e Guiné-Equatorial deixaram de ser países subdesenvolvidos, e passaram a países em vias de desenvolvimento (Ampagatubó, 2017). Generalizando, os PALOP, apesar de uns serem mais desenvolvidos que outros, são caracterizados como tendo um custo de vida baixo, instabilidade política, uma educação precária e uma taxa de mortalidade infantil muito alta. No entanto, na última década, é inegável reconhecer a evolução socioeconómica desses países.

Feito a caracterização dos PALOP, o próximo capítulo apresenta os resultados obtidos na investigação por questionário.

3. A qualidade do ensino nos PALOP

O Ensino Superior (ES), para todos os estudantes, representa uma fase de novas conquistas e novos desafios, tanto sociais, como académicos. Os estudantes provenientes dos PALOP, não só enfrentam essas mudanças, como também se deparam com o desafio da

separação dos amigos e familiares, o afastamento do próprio país, a conquista da independência e de responsabilidade, novas relações interpessoais, e principalmente, novos métodos de estudo (Novo et al., 2020; Doutor & Alves, 2020).

Há muito tempo que o ES é visto como uma forma de aceder a melhores propostas profissionais, e apesar de haver um crescimento considerável de indivíduos com o ES, mesmo que a ritmos distintos entre os vários países, as desigualdades no acesso, seja por classe social ou condições económicas do país, são um dos maiores desafios, inclusive para os PALOP (Alves & Iorio, 2021).

Encontram-se presente nos PALOP problemas a nível de desenvolvimento, factor esse causado em alguns casos pela instabilidade política, assim como, devido a problemas económicos. Em qualquer um desses casos, o sistema de ensino sofre consequências no que se refere à sua qualidade, o que conseqüentemente, faz com que os alunos provenientes dos PALOP cheguem mal preparados ao ensino superior no estrangeiro, levando a inúmeras dificuldades de adaptação (Santos & Faria, 2008).

Apesar do esforço académico considerável, a realidade é que os estudantes superiores provenientes dos PALOP ainda enfrentam várias dificuldades durante o processo de ensino e de aprendizagem nos países de origem, nomeadamente (Doutor & Alves, 2020; Santos & Faria, 2008):

- condições insuficientes em termos de infraestruturas;
- instalações degradadas, com mesas e cadeiras em más condições;
- falta de material adequado como livros, cadernos, lápis, entre outros;
- falta de conteúdos escolares adequados;
- grande número de docentes sem as qualificações necessárias para o ensino, o que sem dúvida prejudica e condiciona o sistema de ensino de modo geral.

Esta situação varia entre os PALOP (Cabo Verde, Angola, Guiné-Bissau, Guiné-Equatorial, Moçambique e São Tomé e Príncipe), sendo agravada em alguns desses países, devido a ausência de fundos destinados ao investimento em educação. Contudo, nas últimas décadas o ensino nos diversos PALOP tem tido uma clara evolução, tendo cada vez mais, um maior o número de indivíduos com acesso à educação, e com maior qualidade, assistindo-se assim, a uma diminuição da taxa de analfabetismo (Jardim, 2013).

Segundo Vitor Kajibanga (2000), um sociólogo angolano de referência, que realizou um estudo sobre educação em Africa, o que muitas vezes acontece é que, os estudantes destes

países que decidem frequentar o Ensino Superior no estrangeiro, acabam por não regressar ao país de origem, não contribuindo para o desenvolvimento do seu país.

Assim sendo, face a esta realidade, instituições com competências na área da educação, como a Organização das Nações Unidas (ONU) têm vindo a incentivar a implementação de políticas de intercâmbio e cooperação entre Portugal e os membros dos PALOP, por exemplo, de maneira a possibilitar que os alunos que terminam o ensino secundário, ingressem no ES (Vinagre, 2017) deste país.

Essas medidas surgem também como forma de melhorar o índice de educação desses países, principalmente aqueles com maiores dificuldades, o que conseqüentemente, vai contribuir positivamente para os seus índices de alfabetização (Vinagre, 2017).

A **educação em Angola**, ao longos dos anos, tem vindo a sofrer inúmeras alterações, passando por momentos de avanços e retrocessos. Até o início da década de 60, não havia nenhuma instituição de ensino superior em Angola, sendo os nativos obrigados a se deslocarem a Portugal ou outro país estrangeiro, para dar continuidade aos seus estudos (Liberato, 2014).

Neste período, o sistema educativo angolano era muito seletivo, promovendo a desigualdade, tanto social, como racial, sendo limitado a áreas urbanas, deixando a restante população em situação de abandono, originando uma maior taxa de analfabetismo (Liberato, 2016). Até a chegada da independência, Angola contava com uma taxa de analfabetismo de praticamente 85 por cento, sendo uma das mais elevadas do mundo. Assim sendo, devido a essa situação, o novo governo teve como prioridade a alfabetização e o ensino superior (Liberato, 2014).

No entanto, apenas nas últimas duas décadas (a partir de 2014) se tem notado algumas melhorias, que apesar de lentas, mostram uma grande evolução. Uma melhoria no acesso a educação e a alfabetização para todos é uma realidade nos últimos anos, o que resultou no aumento de número de alunos que frequentam os estabelecimentos de ensino (Liberato, 2014).

De acordo com os Censos do Instituto Nacional de Estatística de Angola (INEA, 2014), Angola, que é um país com uma dimensão territorial 14 vezes maior que Portugal, tinha uma população residente no país de cerca de 24,3 milhões de habitantes, e uma taxa de alfabetização perto dos 50% para o sexo feminino e 80% para o sexo masculino. Assim sendo, é notório que o acesso a educação ainda era, de certa forma, bastante discriminatório, mostrando uma diferença significativa na questão de género.

O ensino superior também evoluiu com o tempo e hoje o país conta com dezenas de universidades, privadas e públicas (Liberato, 2014). No entanto, apesar de ainda ser necessário ultrapassar várias dificuldades e de um longo percurso pela frente, nos dias de hoje, o país tem, aproximadamente, uma população 75% alfabetizada (maiores de 15 anos que sabem ler e escrever), o que é uma grande evolução em comparação com algumas décadas atrás (CIA World Factbook, 2021).

O que também sustenta esta teoria sobre a evolução educativa em Angola, é o documento elaborado pelo governo de Angola em 2010, que foi intitulado de “Reflexões Sobre a Evolução do Sistema de Educação de Angola ao longo dos 35 anos de Independência”, que mostra que em 2001, existia apenas pouco mais de 11 mil alunos a frequentar licenciaturas e mestrados, e passados 13 anos, o número aumentou para 116 mil. Ainda, no que diz respeito a atribuição de bolsas de estudo, tendo em conta os dados de 2008 e 2009, mais de 1500 alunos frequentaram a licenciatura, 60 frequentaram o mestrado, e 172, o doutoramento (Reflexões sobre a evolução do Sistema de Educação de Angola ao longo dos 35 anos de Independência, 2010, p.51).

Em **Cabo Verde**, no que concerne a educação, tanto no ensino médio, como no ensino superior, tem-se verificado uma grande evolução. O aumento do número de pessoas que frequentam níveis de ensino mais avançados tem tido um crescimento exponencial, e a qualidade desse ensino tem melhorado de forma considerável (De Pina, 2009).

O ensino superior em Cabo Verde foi implementado no final da década de setenta, mas atualmente, conta com inúmeras instituições, localizadas nas ilhas de Santiago e São Vicente. Além das universidades, também existem outras instituições que oferecem formações e ajudam na integração social dos jovens (Jardim, 2013).

É verdade que durante o período colonial, o ensino superior não era uma realidade em Cabo Verde, assim como aconteceu em Angola e em outros PALOP. No entanto, após a independência, e até 2002, apenas existiam três estabelecimentos públicos de ensino superior no país, de pequenas dimensões. Com o passar dos anos, com o progresso da educação no país, em 2010, Cabo Verde já contava com nove institutos de ensino superior (Alves & Iorio, 2021).

Apesar de ainda a maioria dos jovens, após a formação secundária, preferirem continuar os estudos superiores no estrangeiro, cada vez mais, o número de alunos que optam por prosseguir os seus estudos no país, tem aumentado. Este facto pode ser explicado, não só

pela evolução da qualidade do ensino, mas também a variedade de cursos que as IES no país oferecem atualmente (De Pina, 2009).

O país conta, atualmente, com 85% de uma população alfabetizada (maiores de 15 anos que sabem ler e escrever) (CIA World Factbook, 2021), e cada vez mais, tem se notado um aumento da frequência de adultos (acima dos 35), tanto no ensino médio, como no ensino universitário, o que mostra que a população cabo-verdiana percebe a importância da educação (De Pina, 2009).

O **sistema educativo da Guiné-Bissau** é caracterizado como sendo um dos mais carentes e com as maiores dificuldades, entre os países da África Subsaariana. Fortes desigualdades no acesso a educação são observadas, assim como, a precariedade e a falta de investimento na educação do país (Sané, 2018).

A falta de qualificação dos professores, a escassez de recursos materiais e humanos, a carência de infraestruturas adequadas e ainda, a falta de materiais didáticos, são os maiores obstáculos face a evolução da educação no país (Da Silva & Prado, 2019).

A percentagem de crianças que chegam ao último ano do Ensino Primário ronda os 73,4%, e quanto aos alunos que transitam para o Ensino Secundário, os valores rondam os 72,8%, segundo dados de 2015 do *Multiple Indicator Cluster Surveys (MICS)*.

No que diz respeito ao Ensino Superior, inicialmente os estudantes eram incentivados a prosseguirem os seus estudos no exterior, contudo com o aumento das dificuldades que o país tem vindo a sofrer, nos últimos anos, houve um aumento significativo do número de alunos que procuram formação superior no próprio país. Em 1986, existia na Guiné-Bissau apenas uma instituição de Ensino Superior, este número foi aumentando gradualmente através da abertura de um conjunto de instituições privadas e públicas (Jardim, 2013).

Como mencionado, apesar de existirem algumas instituições de ensino superior no país (privadas e públicas), a maioria dos alunos após o ensino secundário, prosseguem os estudos no estrangeiro. Sendo assim, continua a ser frequente encontrar alunos guineenses a frequentar universidades portuguesas, ficando essa mobilidade facilitada pela celebração do Acordo de Cooperação entre a República Portuguesa e República da Guiné-Bissau no domínio do Ensino Superior, Ciência e Tecnologia, criado através do **Decreto-Lei nº. 54, 25 de novembro de 2008**.

No entanto, com uma taxa de alfabetização de apenas 55% (maiores de 15 anos que sabem ler e escrever), é urgente que mudanças sejam feitas no ensino primário e secundário,

de forma a haver, cada vez mais, mais aderência ao ensino superior (CIA World Factbook, 2021).

Moçambique é um dos países mais pobres do mundo e, como tal, isso reflete-se no seu sistema educativo. O ensino básico no país é obrigatório para todos, mas muitos têm de deixar os estudos, principalmente as mulheres, para trabalharem e ajudarem as suas famílias (Barreto, 2013).

No entanto, nas últimas décadas, o país tem registado grandes progressos, contando com inúmeras instituições de ensino superior, públicas e privadas (Barreto, 2013). O país conta, nos dias de hoje, com mais de 40 instituições de ensino superior e, já alguns anos atrás, de acordo com Tolentino (2005), Moçambique era visto como um dos países que, na evolução do Ensino Superior nos PALOP, registou os maiores progressos.

Ainda assim, a taxa de alfabetização do país é de 56% (maiores de 15 anos que sabem ler e escrever), onde a discrepância de valores entre mulheres e homens são notáveis, tendo uma taxa de alfabetização de 43% e 71%, respetivamente (CIA World Factbook, 2021).

Nas zonas rurais, a taxa de alfabetização tende a ser menor ainda, devido à grande desigualdade social, além da desigualdade de género, ou seja, por mais que o acesso ao ensino ocorra, a qualidade do mesmo permanece muito precária (Silva, 2007).

Em **São Tomé e Príncipe**, a taxa de alfabetização da população é de aproximadamente 85% (maiores de 15 anos que sabem ler e escrever), valor esse que se encontra em nível decrescente nas últimas três décadas (CIA World Factbook, 2021).

O ensino primário foi onde se registou uma maior evolução ao longo do tempo, tendo como principal causa, a melhoria na acessibilidade das infraestruturas educativas. No entanto, à medida que a escolaridade foi aumentando, também se verificou um decrescimento na taxa de admissão e aumento na taxa de repetição ou abandono escolar (Abreu, 2019).

No início da década de 90, foi dada prioridade ao ensino superior, que depois, nos anos seguintes, demonstrou perder um pouco a importância. Atualmente o país conta apenas com três instituições de ES, uma pública e duas privadas. Assim como os outros PALOP, a formação pós ensino secundário é feita no estrangeiro, na sua maioria (Jardim, 2013).

A escassez de cursos disponíveis para a população santomense é uma realidade, e a concessão de bolsas de cooperação com outros países, tem sido uma saída para que os estudantes possam continuar os estudos fora do país de origem. No entanto, a fixação no país de acolhimento, depois de concluir a formação superior, é uma das consequências dessa prática (Abreu, 2019).

Por último, a **Guiné-Equatorial** foi o último país a juntar-se aos PALOP, sendo este processo ainda muito recente. O português será ensinado nas escolas primárias, de forma a introduzir o português como a terceira língua oficial, desde a infância (Sá, 2015).

A maioria dos guiné-equatorianos apenas recebe o ensino primário, que é considerado obrigatório, não podendo prosseguir para o ensino médio. Dessa forma, tendo em conta a realidade do país, devem ser feitos maiores investimentos nos ensinos primário, secundário e superior, de forma a diminuir a taxa de abandono escolar e aumentar a taxa de matriculados.

Apesar dos grandes avanços observados na educação na Guiné-Equatorial, ainda há espaço para melhorias. Este país tem a maior taxa de alfabetização da África Subsaariana, nomeadamente, 95% (maiores de 15 anos que sabem ler e escrever), ainda precisa investir mais na educação, de forma a ter um ensino de qualidade (CIA World Factbook, 2021).

Maus resultados, escolas com baixa qualidade, professores com baixos níveis de qualificação, falta de acesso a materiais didáticos, falta de monitorização eficaz e a desigualdade social, são apenas algumas das fragilidades do ensino desse país, assim como nos restantes PALOP.

Contudo, é importante destacar a importância da educação como um programa contra a pobreza, fazendo com que haja um aumento da alfabetização, principalmente das mulheres, que sempre tenderam a ter valores inferiores ao homem. O investimento financeiro nesta área é crucial para que o país, de forma gradativa, evolua também.

Após ter sido explicado um pouco sobre a educação nos PALOP, segue-se o enquadramento teórico conceptual, onde é abordado os conceitos de necessidade e dificuldade, referenciando a transição entre o local de origem e o local de acolhimento.

4. Vicissitudes de um processo de aculturação

Nos dias de hoje, o fluxo migratório é mais rápido e muito mais diversificado do que no passado, envolvendo todos os continentes, classes sociais, gerações e géneros. Assim sendo, as sociedades atuais são confrontadas com um constante crescimento da população estrangeira, o que leva a mudanças sociais, psicológicas e culturais (Ramos, 2009; Bergano, 2012).

Neste ponto faz-se uma contextualização de necessidade, dificuldade, adaptação e aculturação, fazendo interligações e percebendo assim as fases que se passam nesse processo de mudança.

4.1. Das necessidades as dificuldades

Na história da humanidade, sempre existiram deslocamentos de pessoas ou grupos, dentro e para fora dos países, mas as necessidades e as motivações deste fenómeno têm vindo a sofrer algumas alterações, sendo atualmente associadas, principalmente, a dificuldades financeiras, necessidades de cuidados de saúde e a educação precária (Dias & Gonçalves, 2007).

Geralmente, os imigrantes tendem a abandonar os seus países de origem para procurar melhores condições de vida, que costuma ser precária, em comparação com o país de acolhimento (Dias & Gonçalves, 2007).

Quando se fala dos estudantes dos PALOP, o seguimento dos estudos no Ensino Superior tem sido o principal motivo da migração, principalmente devido ao acesso às instituições de ES portuguesas, facilitado pelos acordos de cooperação (Pires, 2000).

Porém, quando existe uma perspectiva multicultural, algumas dificuldades são identificadas, o que pode atrapalhar o processo de adaptação ao novo meio. Pires (2020) identifica como sendo as principais dificuldades:

- Financeiras – havendo poucas bolsas de estudo, a grande maioria se encontra a cargo dos pais ou como trabalhadores-estudantes;
- Alojamento – sendo difícil para os estudantes dos PALOP preencherem os requisitos para candidatura as vagas em residências universitárias, e com o crescente aumento dos estudantes, verifica-se uma carência de casas e quartos disponíveis, o que faz aumentar o preço, impossibilitando o acesso a casas com boas condições;
- Académicas – alguma dificuldade no que se refere a compreensão e interpretação da língua portuguesa, e a limitações em termos de conhecimentos básicos nas disciplinas fundamentais de acesso ao curso;
- Extra académicas – de origem cultural, dificuldades de adaptação a novos hábitos, meio, alimentação, clima, ideologias.

Figueiredo (2005), citado por Jardim (2013), defende ainda que, face às dificuldades identificadas, se poderia apostar em apoios, claramente em falta, nomeadamente na fase de acolhimento dos alunos, a fim de se evitarem, por exemplo, sentimentos de abandono. Entre esses apoios poderiam contar com (Jardim, 2013):

- Receção à chegada ao aeroporto;
- Apoio no processo de matrícula no Ensino Superior;
- Apoio no processo de legalização no SEF;

- Apoio no processo de obtenção de quarto nas residências ou apartamentos compartilhados.

Ao longo dos anos tem sido comprovado, com pesquisas e estudos mais aprofundados, que os estudantes dos PALOP, que se encontram a estudar em Portugal, passam por uma série de dificuldades, provenientes de necessidades que não são supridas, e que tem influência direta no desempenho académico. Algumas das causas de maior relevância que provocam essas dificuldades são (Dias & Gonçalves, 2007):

- Falta de afeto provocada pelo afastamento de familiares e amigos;
- Inexistência do sentimento de pertença provocado pelo distanciamento de tudo aquilo com que se identifica;
- Fracas condições de acolhimento (receção, orientação e acompanhamento);
- Problemas de adaptação a nova realidade (clima, vestuário, alimentação, cultura, ensino).

O conjunto dessas dificuldades podem representar alguns transtornos psicológicos e emocionais, que aliado ao facto de se estar numa fase de transição, “emancipação”, e formação da personalidade, pode deixar marcas vincadas no individuo, que por vezes culmina em perda de autoestima, desinteresse pelos projetos delineados, insucesso e abandono escolar (Jardim, 2013).

Assim sendo, a multiculturalidade implica então, uma discussão de algo muito mais complexo, a discussão da adaptação ao outro, ao que é diferente, o confronto de culturas, diferenças estas que distinguem os povos com culturas próprias, conduzindo-nos, necessariamente, à questão da aculturação.

4.2. Da adaptação à aculturação

Atualmente, muitas pessoas deixam os seus países, seja para estudarem ou para trabalharem, e a má adaptação pode levar a diversas consequências, o que pode originar inúmeras dificuldades na chegada ao novo país, incluindo problemas de saúde mental (distúrbios vários, depressão, etc.) (Muhlen, Dewes & Leite, 2011).

Com a chegada ao país de acolhimento, os imigrantes tendem a confrontar um ambiente físico e social diferente, assim como choque de culturas, estilos de vida diferentes, nível de educação e barreiras linguísticas. Muitas vezes, estas consequências estão associadas a níveis de stress, originados pelo processo de aculturação (Ramos, 2009; Bergano et al., 2020).

Muhlen et al. (2010) definem como sendo aculturação “o processo de troca, quando grupos e indivíduos de culturas diferentes passam por contacto continuo uns com os outros, e há uma subsequente mudança nos dois grupos ou indivíduos” (p. 61).

A aculturação envolve muitas mudanças, nomeadamente a identidade étnica, o conhecimento cultural, a linguagem, o tradicionalismo e a familiaridade. Deste modo, este processo pode ser bastante stressante (Muhlen et al., 2011; Ramos, 2009).

De acordo com Ramos (2009), a migração implica uma série de “raturas espaciais e temporais, que envolvem mudanças psicológicas, ambientais, biológicas, sociais, culturais, familiares, e políticas”, o que requer uma “adaptação psicológica e social”, sendo considerada, por isso, como “um processo complexo, com consequências ao nível do desenvolvimento individual, socioprofissional e da saúde física e psíquica” (p. 5).

Na opinião do Santos (2002), a migração desencadeia um processo de aculturação, na medida em que há “contactos diretos e prolongados entre duas culturas diferentes, caracterizando-se pela modificação ou transformação de um ou dos dois tipos culturais em presença” (p. 102).

Já na opinião de Cabral (2000) a aculturação significa “a presença de um indivíduo num sistema cultural diferente do seu sistema de origem, o que implica a modificação do seu modelo cultural de base, resultante do contacto direto e contínuo de duas culturas diferentes” (p. 47), sendo um processo automático, visto que há um “contacto permanente ou prolongado com duas culturas cria automaticamente mecanismos de adaptação a esta situação” (p. 46).

Assim sendo, quando há a presença de um indivíduo num sistema cultural diferente do seu sistema de origem, obrigatoriamente vai existir uma modificação do seu modelo cultural de base, o que acaba por resultar em um contacto prolongado entre duas culturas, criando automaticamente, mecanismos de adaptação a esta situação (Muhlen et al., 2011; Ramos, 2009; Santos, 2002).

Segundo Ramos (2008), a adaptação do indivíduo migrante exige diferentes estratégias “diferentes modalidades de aculturação, múltiplos fatores individuais e coletivos, os quais poderão facilitar ou dificultar a sua integração na nova sociedade” (p. 64). Para Achotegui (2008), o stress da aculturação envolve solidão, luta pela sobrevivência, pela alimentação, pela moradia; o medo, o sentimento de fracasso e o desalento quando as oportunidades não surgem.

O processo imigratório, por si só, não representa um fator de risco, mas revela que o impacto da migração na saúde e os determinantes presentes em cada etapa do processo imigratório, variam com o tipo de imigração legal/ilegal, permanente ou temporária, com as

causas que podem ser económicas, culturais, políticas e religiosas (Coutinho, Rodrigues & Ramos, 2012).

Deste modo, de forma a impedir o impacto negativo da aculturação, é necessário falar em integração, onde o processo de adaptação é bilateral, ou seja, envolve tanto o imigrante como a sociedade de acolhimento, evitando que o migrante vivencie a solidão, a discriminação e a insegurança (Coutinho, Rodrigues & Ramos, 2012; Machado, 2009).

Portanto, ao se entender o processo de aculturação, nesta mesma ordem de ideias, o facto dos estudantes dos PALOP se deslocarem dos seus países de origem para outro país, neste caso Portugal, estes estão sujeitos a sofrer grandes alterações, não só no seu modo de vida, como na própria cultura.

No entanto, como mencionado anteriormente, a integração nesses casos, é um processo muito mais natural, se for bilateral, onde ninguém abre mão da sua própria cultura, o que acaba por promover um crescimento pessoal e uma melhor adaptação ao meio inserido, tanto para a sociedade acolhedora, como para o elemento acolhido.

Neste sentido, e tendo em conta todos estes fatores causadores de stresse no processo migratório, existe a necessidade de refletirmos sobre a saúde em contexto migratório, de forma a criar soluções que possam prevenir essas “dificuldades”.

Capítulo II – Estudo empírico

1. Metodologia

A metodologia tem um papel muito importante no desenvolvimento de uma pesquisa, uma vez que, indica o tipo de pesquisa adequada para a obtenção dos dados.

Neste capítulo justifica-se a metodologia utilizada de investigação mista para elaborar este estudo, tendo em conta o tipo de estudo selecionado e de que forma foi feita a recolha e o tratamento dos dados, no sentido de obter uma análise coerente e mais pormenorizada (um inquérito por questionário englobando questões de resposta aberta e fechada, e uma entrevista estruturada).

1.1. Objetivos

Objetivo geral:

- Avaliar a integração e a adaptação da comunidade PALOP em Bragança;

Objetivos específicos:

- Identificar as principais dificuldades académicas e extra académicas dos estudantes PALOP matriculados nessa instituição de ensino superior;
- Enumerar os principais serviços que precisam de melhoria para servir de melhor forma a comunidade PALOP nessa região;
- Avaliar a importância da criação de um gabinete de apoio aos estudantes estrangeiros em Bragança;

1.2. Tipo de estudo e técnicas de recolha de dados

O tipo de estudo delineado para esta investigação é um estudo descritivo, de carácter misto. Depois da estratégia de investigação já estar definida, torna-se necessário fazer a escolha mais adequada das técnicas de recolha de dados, para o seguimento da mesma.

Neste estudo, foi realizado uma investigação quantitativa, com uma pequena vertente qualitativa, com um instrumento de recolha de dados que contém perguntas abertas e fechadas, usando a ferramenta *Forms* do *Google Docs*, de forma a agilizar o preenchimento do questionário por parte dos alunos e obter o maior número de respostas possíveis.

A recolha de dados decorreu na janela temporal de dois meses, compreendida entre os dias 10 do mês de fevereiro e 10 de abril de 2021, de forma online. No final deste intervalo temporal tinha sido obtida uma amostra de setenta respondentes.

O questionário foi preenchido de forma anónima, permitindo aos inquiridos liberdade nas suas respostas. Neste estudo apenas foi permitido a participação de estudantes ou ex-estudantes PALOP na instituição de ensino superior, que ainda residem em Bragança. Os respondentes foram informados dos objetivos do estudo, sendo garantida a confidencialidade dos dados por eles fornecidos (iniciando-se este preenchimento por um termo de consentimento informado não assinado).

1.3. Tratamento de dados

Para fazer a análise quantitativa dos dados, de forma rápida e com o mínimo de risco de erros possíveis, recorreu-se a utilização do aplicativo de gerenciamento de pesquisas *Google Forms*, assim como para as análises preliminares e a apresentação gráfica dos resultados.

Os dados foram analisados tendo em conta as respostas dos inquiridos, expressos quando possível em percentagem, e interpretação das respostas abertas.

2. Delimitações

2.1. Delimitação geográfica

Neste estudo, deparamo-nos com uma delimitação geográfica, sendo que, a realização desta dissertação se cingiu apenas à região de Bragança, que é onde residem os estudantes PALOP que frequentam esta instituição de ensino superior.

Assim sendo, não se trata de um estudo cujos resultados possam ser generalizados a todos os estudantes dos PALOP em Portugal, antes referenciando, apenas, as dificuldades e necessidades dos estudantes PALOP residentes em Bragança.

Capítulo III – Análise e discussão dos resultados

1. Análise dos dados obtidos através do inquérito por questionário

1.1. Caracterização dos participantes no inquérito por questionário

Neste ponto será apresentada a caracterização da amostra obtida e a análise dos dados obtidos e, consequentemente, a discussão dos mesmos, tendo em conta os objetivos traçados.

1. Sexo
70 respostas

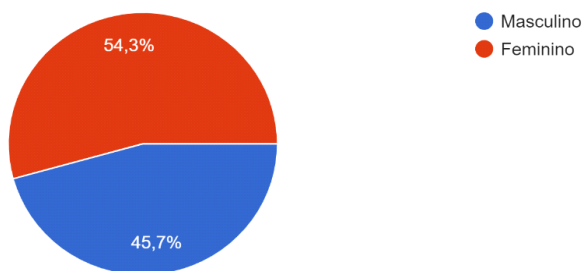


Figura 1 - Género dos inquiridos

Fonte: *Google Forms*

Como é possível verificar na **Figura 1**, a maioria dos inquiridos são do sexo feminino (54,3%), e a faixa etária varia dos 19 aos 37 anos, como mostra a **Figura 2**.

Idades	Respostas
19	2
20	2
21	8
22	6
23	6
24	4
25	4
26	5
27	12
28	5

29	2
30	3
31	3
32	1
33	2
34	2
35	1
36	1
37	1
TOTAL	70 respostas
MÉDIA	24,7 anos
MÍNIMO	19
MÁXIMO	37

Figura 2 - Faixa etária dos inquiridos

Fonte: *Google Forms*

Quanto ao estado civil, 88,6% dos inquiridos são solteiros, como mostra a **Figura 3**, e apenas 22,9% têm filhos (**Figura 4**).

3. Estado Civil

70 respostas

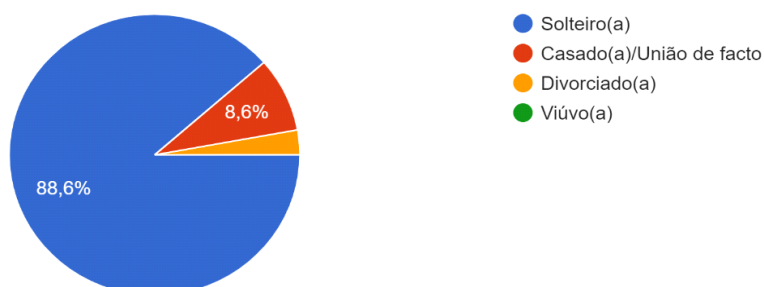


Figura 3 - Estado Civil dos inquiridos

Fonte: *Google Forms*

4. Tem filhos?

70 respostas

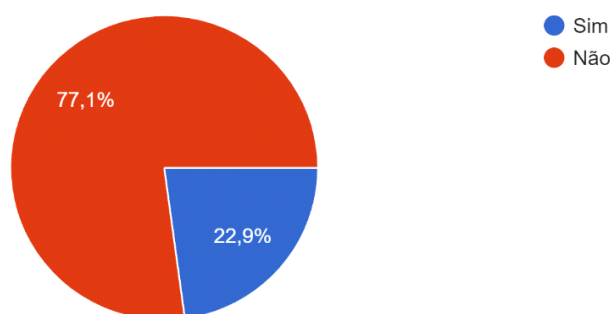


Figura 4 - Inquiridos com filhos e sem filhos

Fonte: Google Forms

Dos 22,9% que têm filhos, é possível verificar na **Figura 5**, que a maioria dos inquiridos (57,1%) têm os filhos a residirem com eles em Bragança.

5. Tendo respondido "sim" a questão anterior, residem consigo em Bragança?

28 respostas

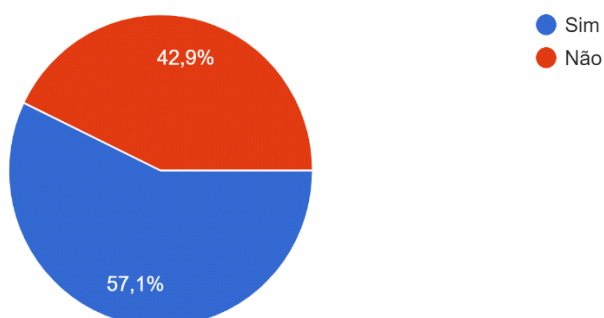


Figura 5 - Filhos que residem com os pais em bragança

Fonte: Google Forms

Quando questionados sobre a sua nacionalidade, a maioria (58,6%) tem nacionalidade cabo-verdiana, seguido da dupla nacionalidade (30%), como é possível observar na **Figura 6**.

6. Qual a sua nacionalidade?

70 respostas

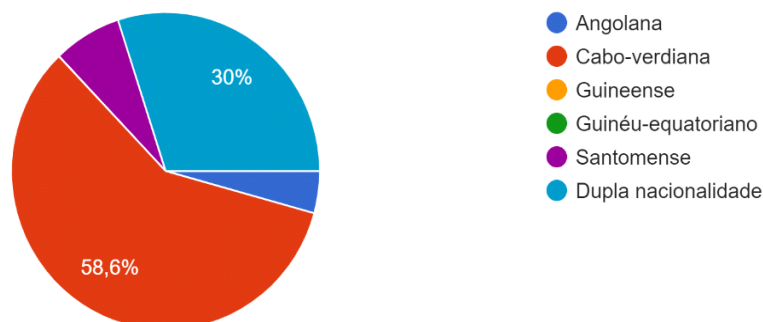


Figura 6 - Nacionalidade dos inquiridos

Fonte: *Google Forms*

Dos 70 inquiridos, 22 (30%) têm dupla nacionalidade, sendo que, 20 têm nacionalidade cabo-verdiana/portuguesa, 1 tem nacionalidade cabo-verdiana/holandesa e 1 tem nacionalidade santomense/portuguesa, como é possível observar na **Figura 7**.

Nacionalidade	Respostas
Cabo-verdiana/Portuguesa	20
Cabo-verdiana/Holandesa	1
Santomense/Portuguesa	1
TOTAL	22 respostas

Figura 7 - Dupla nacionalidade dos inquiridos

Fonte: *Google Forms*

Quanto ao tempo de residência em Portugal, a maioria encontra-se a mais de 5 anos em Portugal, contando com 52,9% dos inquiridos, como mostra a **Figura 8**.

8. Há quanto tempo se encontra em Portugal?

70 respostas

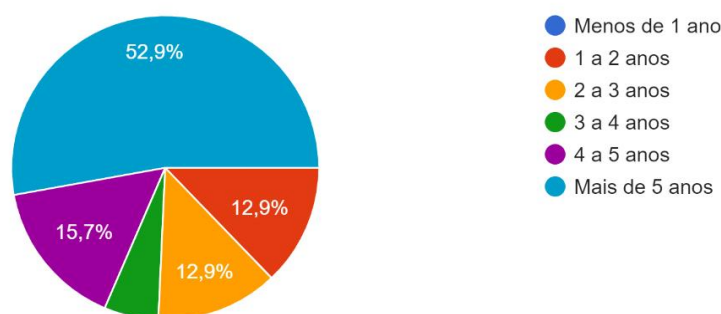


Figura 8 - Tempo de residência dos inquiridos em Portugal

Fonte: *Google Forms*

1.2. Situação financeira dos participantes

Relativamente ao meio de subsistência, 70% dos inquiridos dependem do apoio financeiro dos pais ou familiares, seguido de rendimento próprio (32,9%), como mostra a **Figura 9**. Estes dados estão em conformidade com o estudo feito Novo *et al.* (2020), onde se verificou que a principal fonte de rendimento dos estudantes é o apoio económico providenciado pelos familiares.

9. De onde vem os seus meios de subsistência? (Indique uma ou mais opções)

70 respostas

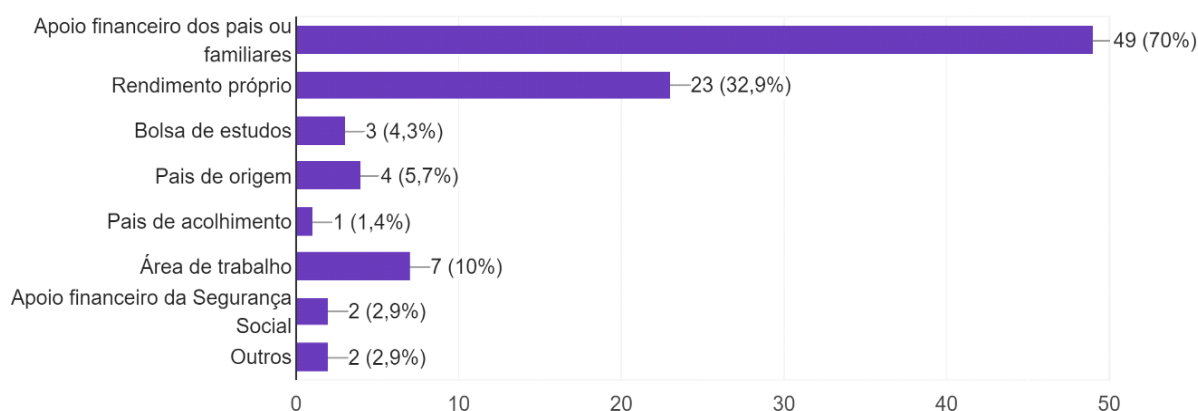


Figura 9 - Meio de subsistência dos inquiridos

Fonte: *Google Forms*

Como “outros meios de subsistência”, 2 (2,9%) inquiridos responderam crédito universitário e trabalhador-estudante.

Já, relativamente ao rendimento mensal, contrariamente ao estudo Novo *et al.* (2020), onde a maioria dos estudantes recebiam entre 101 e 200 euros (28,60%), verifica-se que neste estudo, 38,6% dos inquiridos recebem entre 301 e 400 euros, seguido de 20%, que declarou receber mensalmente entre 201 e 300 euros (**Figura 10**).

11. Indique o seu rendimento mensal

70 respostas

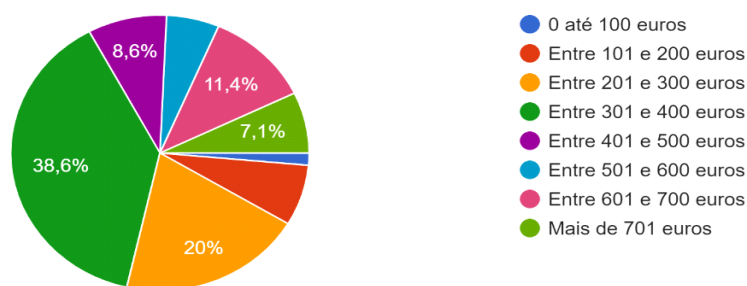


Figura 10 - Rendimento mensal dos inquiridos

Fonte: *Google Forms*

Quando questionados se o rendimento mensal é o suficiente para satisfazer as suas necessidades primárias, a maioria dos inquiridos (65,7%) respondeu “sim”, tendo apenas 34,3% respondido “não”, como mostra a **Figura 11**. Estes dados contrariam os resultados obtidos no estudo Novo *et al.* (2020), onde 69,60% dos inquiridos responderam que “não” e 30,40% responderam que “sim” relativamente ao rendimento mensal ser suficiente para satisfazer as suas necessidades. As dificuldades financeiras encontradas neste estudo são evidentes também nos resultados de outras investigações, nomeadamente, Doutor *et al.* (2016), Figueiredo (2005) e Costa (2009).

12. Esse rendimento mensal é o suficiente para satisfazer as suas necessidades fundamentais?
70 respostas

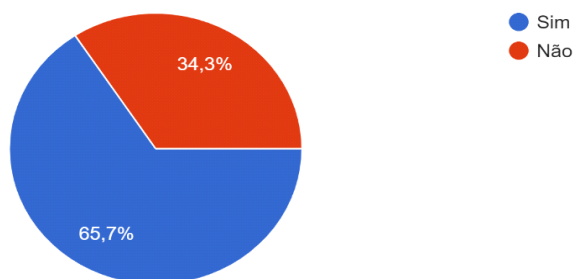


Figura 11 - Rendimento mensal para satisfação das necessidades fundamentais

Fonte: Google Form

1.3. Da escolaridade à academia de acolhimento

A maioria dos inquiridos (62,9%) encontram-se pela primeira vez no ensino superior, como mostra a **Figura 12**. Quanto ao nível de escolaridade, 64,3% encontram-se a fazer licenciatura e 31,4% no mestrado (**Figura 13**).

13. É a sua primeira vez como estudante do ensino superior?
70 respostas

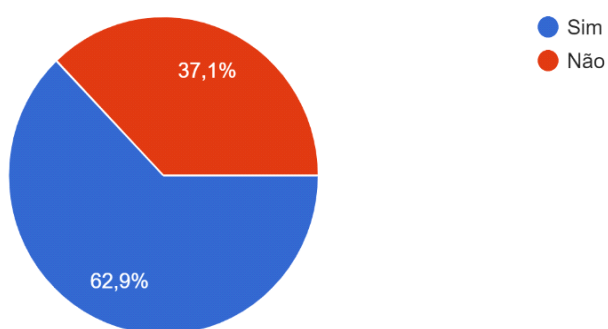


Figura 12 - Estudante do ensino superior pela primeira vez

Fonte: Google Forms

14. Qual é o seu nível de ensino neste momento?

70 respostas

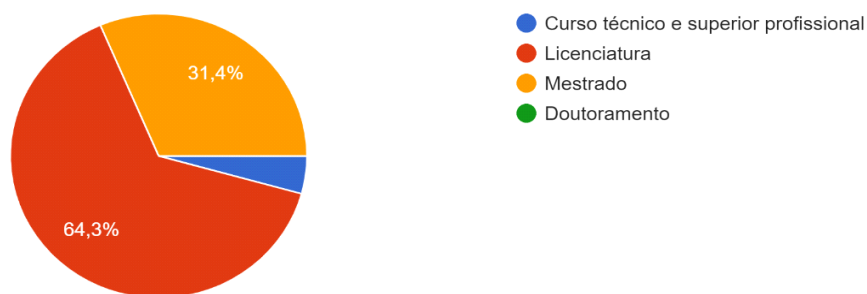


Figura 13 - Nível de ensino dos inquiridos

Fonte: *Google Forms*

15. Em que ano se encontra?

70 respostas

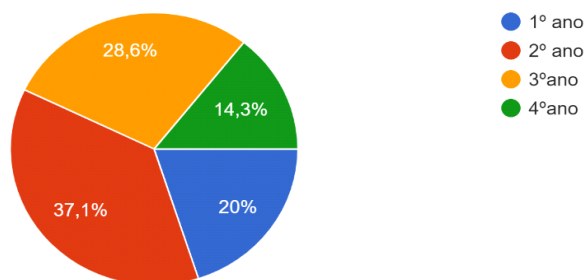


Figura 14 - Ano de ensino dos inquiridos

Fonte: *Google Forms*

Quanto ao ano de escolaridade, 37,1% dos inquiridos encontram-se no segundo ano, 28,6% no terceiro ano, 20% no primeiro ano e 14,3% no quarto ano, ou seja, já no mestrado (**Figura 14**).

16. Indique as principais razões que o levaram a escolher Bragança para continuar os estudos?
(indique uma ou mais opções)

70 respostas

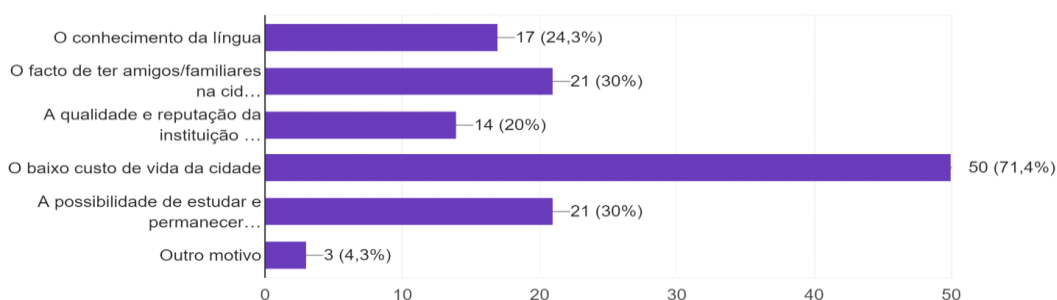


Figura 15 - Principais razões para os inquiridos estudarem em Bragança

Fonte: *Google Forms*

Uma das principais razões apresentadas pelos inquiridos como sendo o motivo que os levaram a escolher Bragança para continuar os estudos foi “o baixo custo de vida da cidade”, contando com 71,4% dos inquiridos. O conhecimento da língua portuguesa, o facto de terem amigos e familiares a residirem em Bragança e a possibilidade de estudarem e permanecerem na cidade, também foram apresentadas como sendo algumas das principais razões para estudar em Bragança (**Figura 15**).

Em um estudo, de Alves e Iorio (2021), com estudantes Cabo-verdianos, Angolanos e Brasileiros, no que concerne aos africanos, os resultados foram bastante semelhantes, principalmente no diz respeito ao conhecimento da língua, no custo de vida, na qualidade de formação e o facto de terem familiares/amigos/colegas no país, o que facilitou a integração.

No entanto, uma minoria (apenas três inquiridos) revelou ter optado por continuar os estudos em Bragança porque ganhou uma bolsa de estudos, por acaso, ou devido a uma colocação em um concurso nacional.

18. Pratica frequentemente atividades extracurriculares tais como: Musica, dança, teatro, desporto, entre outros?

70 respostas

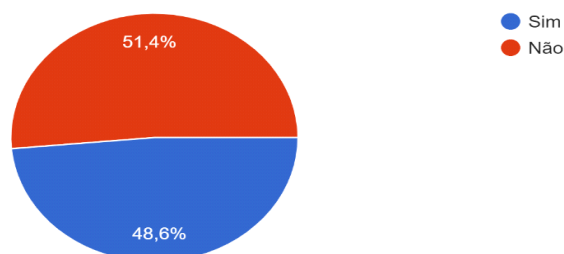


Figura 16 – Frequência de atividades extracurriculares tais como: Música, Dança, Teatro, Desporto
Fonte: *Google Forms*

Quase metade dos inquiridos (51,4%) revelaram não praticar atividades extracurriculares de forma frequente, como mostra a **Figura 16**.

Tempo de permanência em Portugal	Respostas
1 ano	0
2 anos	9
3 anos	12
4 anos	15
5 anos	8
6 anos	8
7 anos	6
8 anos	4
9 anos	5
10 anos	3
TOTAL	70 respostas

Figura 19 – Permanência em Bragança
Fonte: *Google Forms*

No que diz respeito ao tempo de residência em Bragança, este mostrou variar de 1 a 10 anos, sendo que a maioria relatou morar em Bragança entre os 2 e aos 4 anos, como mostra a **Figura 17**.

20. Conhecia alguém que já lá estava antes de chegar a cidade?

70 respostas

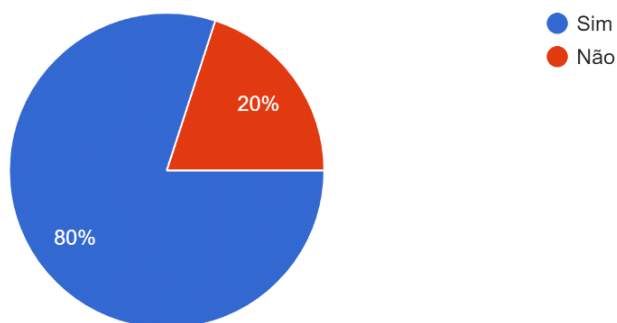


Figura 18 – Conhecimentos antes de chegar à cidade

Fonte: *Google Forms*

~

A maioria dos inquiridos (80%) relatou conhecer alguém antes de chegar à cidade, como podemos observar na **Figura 18**, o que explica o facto da maioria (71,4%) residir na casa ou apartamento arrendado com colegas ou amigos, como mostra a **Figura 19**. Isto acaba por explicar a facilidade de adaptação na cidade de acolhimento, como também mostra os resultados do estudo Novo *et al.* (2020). Ainda, podemos constatar que alguns inquiridos já possuem apartamento próprio ou moram sozinhos em apartamentos arrendados.

21. Onde reside?

70 respostas

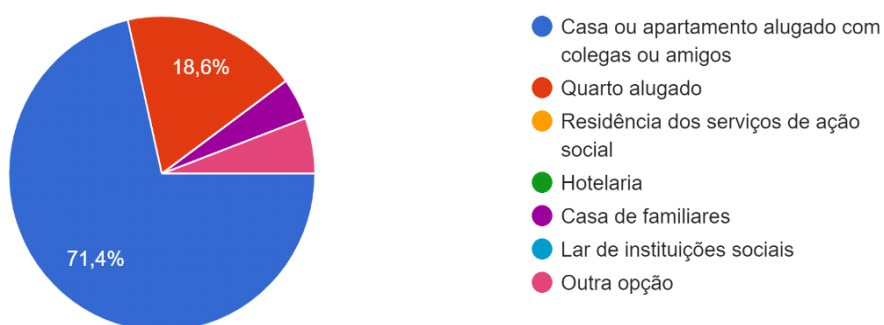


Figura 19 - Local de residência dos inquiridos

Fonte: *Google Forms*

Como é possível observar na **Figura 20**, 74,3% dos inquiridos afirmou já ter vivido com pessoas da mesma nacionalidade, e para aqueles que já partilharam casa com estudantes portugueses, a maioria (49,1%) relatou que a experiência foi positiva e 45,6% disse que foi indiferente (**Figura 21**).

23. Vive com pessoas da mesma nacionalidade?

70 respostas

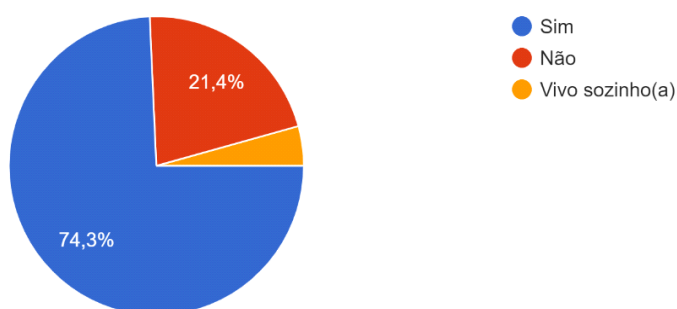


Figura 20 – Partilha de residência com pessoas da mesma nacionalidade

Fonte: *Google Forms*

24. Caso tenhas partilhado casa com um estudante Português, como foi a experiência em relação a sua adaptação?

57 respostas

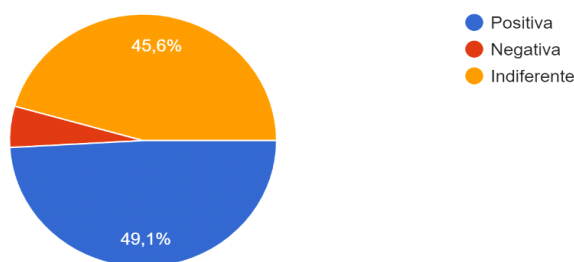


Figura 21 - Experiência em relação à adaptação na partilha de casa com um estudante português

Fonte: *Google Forms*

De forma a caracterizar Bragança, tendo em conta a opinião dos estudantes PALOP, os inquiridos avaliaram a cidade com base em um conjunto de afirmações. A maioria dos inquiridos (77,14%) consideraram a cidade de Bragança um local seguro e com um custo de vida muito acessível (72,85%), como também se observou no estudo apresentado por Novo *et al.* (2020). Apesar de acharem Bragança uma cidade de fácil adaptação (70%), a maioria dos

estudantes dos PALOP não se sentiram tão bem acolhidos pela população brigantina (**Figura 22**).

25. Indique numa escala de 1 a 5 , o quanto concorda com as seguintes afirmações. 1- Discordo completamente; 2- Discordo; 3- Não concordo nem discordo; 4- Concordo; 5- Concordo completamente. 70 respostas	1	2	3	4	5
Bragança é uma cidade segura!	---	1	15	26	28
Tem um custo de vida acessível!	---	3	16	21	30
É uma cidade de fácil adaptação!	1	3	17	26	23
Os estudantes dos PALOP são bem acolhidos pela população brigantina!	2	8	31	20	9
A adaptação foi fácil, pois antes de vir tive todas as informações necessárias sobre Bragança!	7	15	21	13	14
Adaptar ao clima da cidade é fácil!	29	21	17	2	1
Encontrar alojamento na cidade é fácil!	14	23	26	7	---
A população brigantina demonstra interesse em comunicar e interagir com os estudantes PALOP!	8	20	30	11	1
É muito útil o apoio prestado pela AEAB (Associação de Estudantes Africanos em Bragança)!	6	9	15	24	16
Os hábitos e costumes de Bragança são de fácil adaptação!	2	4	22	30	12

Figura 22 - Características da cidade de Bragança

Os estudantes relataram na sua maioria (38,57%) que a adaptação foi mais fácil porque tiveram todas as informações necessárias antes de chegar a cidade. No entanto, tanto a adaptação ao clima como a procura por alojamento não tem sido fácil de acordo com a maioria dos inquiridos (71,43% e 52,86%, respetivamente) como podemos observar na **Figura 22**. O clima mostrou ser também um motivo de “dificuldade” nos resultados apresentados nos estudos de Novo *et al.* (2020) e Figueiredo (2005).

Quando questionados se a população brigantina demonstra interesse em comunicar/interagir com os estudantes PALOP, estes mostram-se indiferentes, contando com a maioria das respostas (42,85%), mas acharam os hábitos e costumes da cidade de fácil adaptação, contando esta questão com praticamente 60% das respostas na sua totalidade (**Figura 22**).

Ainda, a maioria (57,14%) considera que tem sido muito útil o apoio prestado pela Associação de Estudantes Africanos em Bragança (AEAB) aos estudantes PALOP.

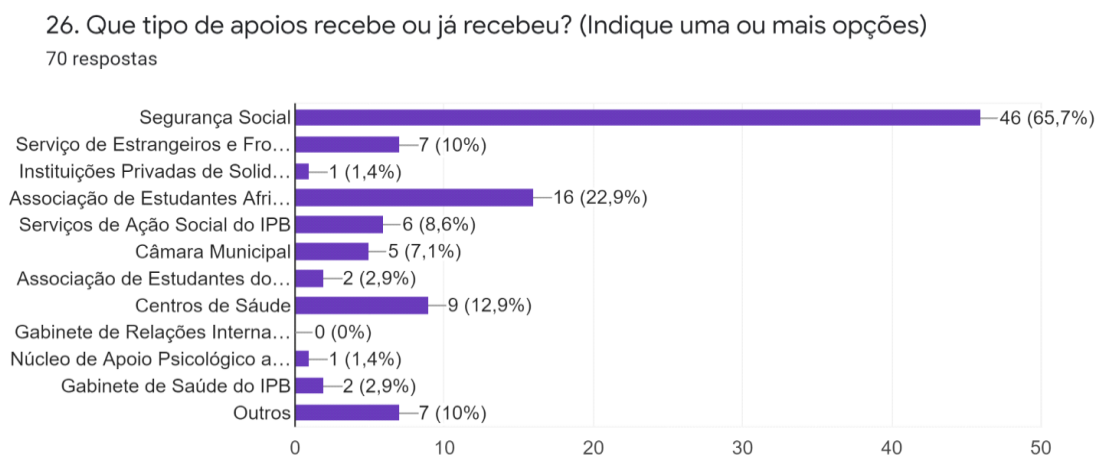


Figura 23 - Apoios recebidos

Fonte: *Google Forms*

Quanto aos apoios que recebem ou já receberam desde que chegaram à cidade, os inquiridos revelaram que a Segurança Social tem sido o maior apoiante, contando com 65,7% das respostas (**Figura 23**).

A Associação de Estudantes Africanos em Bragança (AEAB) e o Centro de Saúde de Bragança também foram indicados como um dos principais apoiantes na perspetiva dos estudantes PALOP, contando com 22,9% e 12,9% das respostas, respetivamente (**Figura 23**).

Alguns dos inquiridos revelaram não terem recebido nenhum apoio desde que chegaram a Bragança, assim como a maioria (68,6%) que revelou não ter sentido a necessidade nenhum desses apoios, pela parte de algumas dessas instituições (**Figura 24**).

28. Já sentiu necessidade de apoio de alguma dessas instituições?

70 respostas

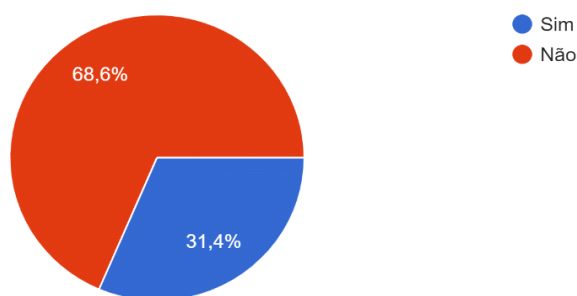


Figura 24 - Necessidade de apoio de algumas instituições

Fonte: *Google Forms*

Apesar da maioria dos inquiridos (68,6%) terem revelado não precisar de apoio de nenhuma das instituições, 31,4% disse que já sentiu essa necessidade (**Figura 24**), especificando que os principais tipos de apoio referidos são o apoio psicológico, o apoio social (pensão social) e o apoio financeiro; mas também o acesso ao Centro de Saúde, a tratamento de documentos, à Segurança Social, ao governo de Cabo Verde, aos Serviços de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), entre outros, como mostra a **Figura 25**.

29. Caso tenha respondido "sim" a questão anterior, especifique que tipo de apoio.
19 respostas
Núcleo de Apoio Psicológico ao Aluno
Serviços de Estrangeiros e Fronteiras (SEF)
Apoio social
Apoio financeiro
Centro de saúde
Governo de cabo verde
Tratamento de documentos
Propina
Apoio no centro de saúde para adquirir médico de família.
Pensão social
Renda
Subsídio de desemprego
Segurança social
Estágio profissional

Figura 25 - Rendimento mensal dos inquiridos

De forma a avaliar melhor as necessidades e as dificuldades dos estudantes dos PALOP residentes em Bragança, os inquiridos classificaram de 1 a 5, algumas afirmações (**Figura 26**).

30. Indique numa escala de 1 a 5 , o quanto concorda com as seguintes afirmações. 1- Discordo completamente; 2- Discordo; 3- Não concordo nem discordo; 4- Concordo; 5- Concordo completamente. 70 respostas	1	2	3	4	5
Tenho dificuldade financeira para pagar as propinas	20	22	13	6	9
Sinto alguma desmotivação para continuar os estudos.	18	18	17	11	6
Tenho dificuldade em comprar roupa.	31	9	21	8	1
Sinto dificuldade em pagar a renda da minha habitação.	27	18	17	5	3
Tenho dificuldade em pagar as contas de água, luz e gás.	26	16	19	9	---
Sinto dificuldade em pagar a minha alimentação.	30	17	13	10	---
Tenho dificuldade na gestão do meu rendimento mensal.	28	10	18	10	4
Sinto dificuldade na obtenção de alojamento.	26	7	18	11	8
Dificuldade em lidar com a distância e saudades dos familiares.	8	10	19	13	20
Dificuldade em aceder aos serviços de cuidado de saúde.	23	12	24	8	3
Tenho dificuldade no acesso e preenchimento online dos processos dos Serviços de Estrangeiros e Fronteiras (SEF).	30	11	16	10	3
Sinto dificuldade em compreender a linguagem e informações nos serviços de saúde.	36	13	14	6	1
Sinto dificuldade na aquisição dos métodos contraceptivos.	40	15	7	6	2
Tenho dificuldade no uso dos métodos contraceptivos.	42	10	10	7	1
Tenho ou tive problemas com a renovação do cartão de residência junto dos Serviços de Estrangeiros e Fronteiras (SEF)	33	5	14	8	10
Dificuldade suplementar em acompanhar a matéria no primeiro ano do curso.	22	7	17	13	11
Sinto dificuldade em ir as aulas devido ao frio.	9	13	25	12	11
Tenho dificuldade em me adaptar as praxes académicas.	21	13	15	13	8
Sinto dificuldade em aceder as plataformas digitais do IPB	38	12	14	4	2

Figura 26 - Avaliação das dificuldades académicas dos inquiridos

Quanto à dificuldade financeira em pagar as propinas, mais de metade dos inquiridos (60%) discordaram ou discordaram completamente com a afirmação. Relativamente a desmotivação para continuar os estudos, 51,42% também discordaram ou discordaram completamente com a afirmação, assim como, 57,15% dos inquiridos, relativamente a dificuldade em comprar roupa e, 61,42% e 59,99% dos inquiridos, em relação a dificuldade em pagar renda de habitação e contas de água, luz e gás, respetivamente (**Figura 26**).

Quanto às dificuldades em pagar a alimentação, obter alojamento ou gerir o seu rendimento mensal, a maioria discordou ou discordou completamente com as afirmações, como podemos observar igualmente na **Figura 26**.

A saúde dos familiares mostrou ser uma dificuldade para os estudantes, sendo que 18,57% e 28,57%, concordaram ou concordaram completamente, respetivamente, com a afirmação. Este aspeto também está em conformidade com o estudo apresentado por Costa (2009).

Já no que diz respeito à dificuldade em aceder aos serviços de cuidado de saúde, a maioria discordou ou discordou completamente que tenham dificuldade, contanto com 17,14% e 32,85% das respostas, respetivamente. Também, a maioria dos inquiridos declararam não ter dificuldade no acesso e preenchimento online dos processos do SEF, contanto com 57,66% das respostas (**Figura 26**).

Tanto nos quesitos métodos contraceptivos ou compreensão da linguagem e informações nos serviços de saúde, mais de 70% dos inquiridos revelaram não ter nenhuma dificuldade. Da mesma forma, mais de 50% dos inquiridos relataram nunca terem tido grandes problemas com a renovação do cartão de residência junto ao SEF. No quesito dificuldade suplementar em acompanhar a matéria no primeiro ano de curso, as opiniões ficaram muito divididas, porém, a maioria (41,43%), fora os 24,29% dos inquiridos que se mostraram indiferentes, relataram não ter tido nenhuma dificuldade nesse aspeto.

Relativamente a dificuldade em ir as aulas devido ao frio, 1/3 dos inquiridos concordou ou concordou completamente, 1/3 mostrou-se indiferente e 1/3 discordou ou discordou completamente, o que mostra que neste quesito, as opiniões estão bastante divididas, como é possível observar na supra figura.

Metade dos inquiridos mostraram não ter nenhuma dificuldade em se adaptar às praxes académicas, assim como a maioria (mais de 70%) mostrou não sentir dificuldade alguma em aceder as plataformas digitais do IPB (**Figura 26**).

31. Quais os aspetos ou serviços que acredita precisarem de uma melhoria a fim de servirem de melhor forma os alunos dos PALOP? (selecione uma ou mais opções)

70 respostas

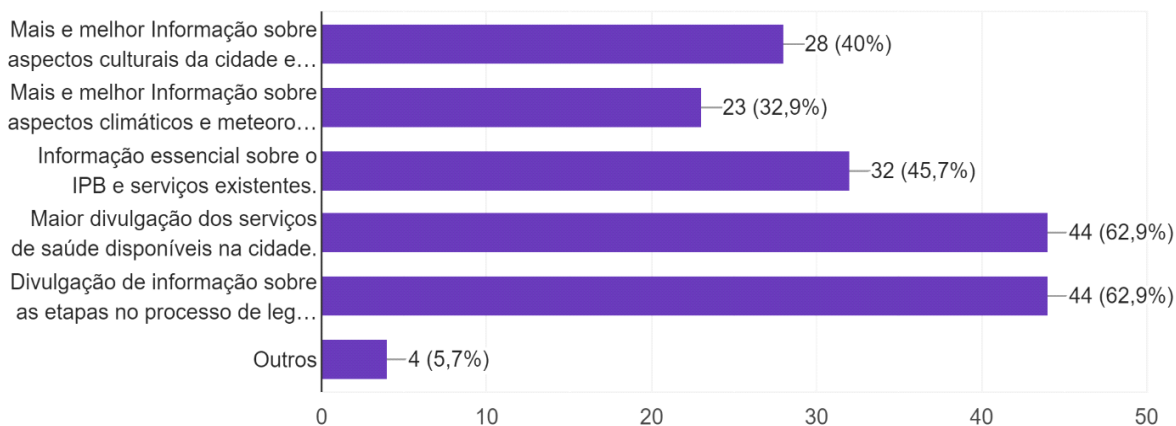


Figura 27 - Aspetos ou serviços a precisarem de uma melhoria a fim de servirem da melhor forma os alunos dos PALOP

Fonte: *Google Forms*

Os inquiridos foram questionados sobre quais os aspetos ou serviços, tendo em conta as suas opiniões, que precisam de uma melhoria para servir de melhor forma os alunos dos PALOP (**Figura 27**). A maioria (62,9%) indicou as opções “Maior divulgação dos serviços de saúde disponíveis na cidade” e “Divulgação de informação sobre as etapas no processo de legalização no país”, como podemos ver na **Figura 27**. Também com 40% e 45,7% das respostas, os inquiridos indicaram as opções “Mais e melhor Informação sobre aspetos culturais da cidade e do país” e “Informação essencial sobre o IPB e serviços existentes”.

Ainda assim, alguns dos inquiridos (5,7%) indicaram outros serviços ou aspetos que precisam de melhorias, nomeadamente o apoio aos estudantes, os serviços de transportes, como autocarros, as habitações e uma maior envolvência desportiva do IPB e da Câmara Municipal de Bragança, como foi possível constatar.

33. Pensa ser importante a criação de um gabinete de apoio aos estudantes estrangeiros e migrantes em geral?

70 respostas

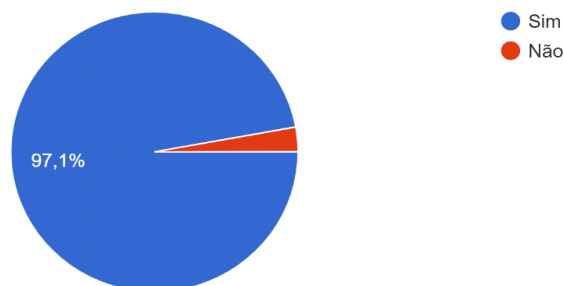


Figura 28 - Importância da criação de um gabinete de apoio aos estudantes estrangeiros e migrantes em geral

Fonte: *Google Forms*

Quase a totalidade dos inquiridos (97,1%), quando questionados sobre a importância da criação de um gabinete de apoio aos estudantes estrangeiros e migrantes em geral, acharam que é muito importante, como podemos observar na **Figura 28**.

Este estudo tinha como principal objetivo avaliar a integração e a adaptação da comunidade PALOP no concelho de Bragança. Assim sendo, depois de feita a apresentação das informações recolhidas no questionário, avaliou-se se os objetivos de investigação foram ou não atingido.

Relativamente ao primeiro objetivo específico, tendo em conta os resultados, as principais dificuldades académicas e extra académicas apontadas pelos estudantes PALOP do IPB tem sido o clima, apontado como sendo de difícil adaptação (**Figura 21**), encontrar alojamento na cidade (**Figura 21**) e lidar com a distância e saudades dos familiares (**Figura 26**). Portanto, de forma geral, os estudantes dos PALOP sentem-se acolhidos e bem-adaptados, tanto em relação a cidade, assim como no ensino. Estes resultados explicam-se pelo facto da maioria (80%) dos estudantes da comunidade PALOP, como mostra a **Figura 17**, já conhecerem alguém antes de chegar a cidade, o que é um fator essencial para uma melhor adaptação académica e extra académica (principalmente).

De forma a servir de melhor a comunidade PALOP, e tendo em conta o segundo objetivo específico, os inquiridos foram questionados sobre quais os aspetos ou serviços, tendo em conta as suas opiniões, que precisam de melhoria, e a maioria (62,9%) indicou as opções “Maior divulgação dos serviços de saúde disponíveis na cidade” e “Divulgação de

informação sobre as etapas no processo de legalização no país”, tendo em conta os resultados apresentados na **Figura 27**. Também com 40% e 45,7% das respostas, os inquiridos indicaram as opções “Mais e melhor Informação sobre aspetos culturais da cidade e do país” e “Informação essencial sobre o IPB e serviços existentes”.

Quanto ao terceiro e último objetivo específico, quase a totalidade dos inquiridos (97,1%) consideraram ser de extrema importância a criação de um gabinete de apoio aos estudantes dos PALOP, como pode-se observar na **Figura 28**.

Por fim, é possível dizer que todos os objetivos do estudo foram atingidos de modo satisfatório.

2. Análise dos dados obtidos através das entrevistas

Com uma intenção clara de aprofundar estes dados obtidos através da aplicação do inquérito por questionário, foi estruturada uma entrevista (**Anexo V**) com vinte e oito questões, as quais pretenderam conhecer as motivações e os interesses da comunidade PALOP na permanência em Bragança.

2.1. Caracterização dos participantes nas entrevistas

Os participantes que fizeram parte deste estudo, dois deles são do sexo masculino e uma do sexo feminino, com 32, 29, e 30 anos, respetivamente. Um dos participantes do sexo masculino encontra-se solteiro, enquanto os dois restantes, encontram-se em união de facto.

Apenas um dos inquiridos do sexo masculino não tem filhos, tendo os outros dois participantes, dois filhos cada. Relativamente às habilitações académicas, tanto os inquiridos do sexo masculino como a do sexo feminino possuem uma licenciatura, nomeadamente, engenharia de energias renováveis, línguas para relações internacionais, e, gestão de empresas, respetivamente.

Em comum, todos os entrevistados possuem uma profissão, apenas de não ser na área da formação académica. Dos entrevistados do sexo masculino, um trabalha como auxiliar de idosos e o outro como barbeiro. A entrevistada do sexo feminino trabalha como balconista. Todos chegaram a Bragança com cerca de vinte anos (E3 apenas com dezoito anos).

2.2. Análise de conteúdo das respostas obtidas nas entrevistas

O intuito das entrevistas, além de complementar o questionário, foi conhecer as motivações que levaram os entrevistados a ficarem em Bragança e, de que forma, esta decisão impactou a vida de cada um deles.

Portanto, apesar de todos os entrevistados terem terminado as suas licenciaturas, mesmo após a conclusão do curso, decidiram permanecer em Bragança. No entanto, nenhum dos entrevistados trabalha na sua área de formação, o que significa que, pelo facto de ser uma cidade pequena, as oportunidades não são vastas.

O processo de adaptação não foi fácil, sendo algumas dessas dificuldades notadas até os dias de hoje, como por exemplo, a adaptação ao clima, que é muito frio, a dificuldade em gerir o próprio dinheiro, a falta de condições das casas, por não terem aquecimento e serem muito frias, e as saudades dos familiares e amigos. Para os que tinham familiares e/ou amigos em Bragança, apesar do problema de adaptação ao clima ser o mesmo, tiveram mais algum apoio, principalmente no início, com a procura de alojamento e adaptação à rotina da cidade.

Apesar de todas as dificuldades, todos os entrevistados apontaram como sendo o principal motivo da sua permanência em Bragança, a família. Dois dos entrevistados tiveram filhos durante e após os estudos, e também, por terem um trabalho, de que gostam, apesar de não ser nas suas áreas de formação, e que lhes dão estabilidade financeira, acabaram por ficar na cidade. Já o outro entrevistado, foi o primeiro da sua família a chegar a Bragança, mas com o tempo, o resto da família juntou-se a ele, o que depois, fez com que Bragança passasse a ser considerada a sua segunda casa, assim como os outros dois entrevistados, que dizem sentir-se bem e acolhidos pela comunidade, em geral.

Para os que já tinham conhecidos e familiares nas cidades, já estavam precavidos e sabiam o que iam encontrar, mas, mesmo assim, o impacto inicial foi de choque. As baixas temperaturas da cidade fizeram com que o impacto fosse grande.

Todos os entrevistados acabaram por concluir os seus estudos um pouco mais tarde do que o previsto, com idades compreendidas entre 24 e 28 anos, e apresentaram como justifica o facto de começarem a trabalhar, acabando por atrasar a defesa do seu relatório de licenciatura, e também, uma das entrevistadas, pelo facto de ter engravidado, teve de interromper os estudos neste período, retomando depois, para a conclusão da sua licenciatura.

Alimentação, clima, estar longe da família, solidão e gestão do próprio dinheiro, foram os principais problemas identificados pelos entrevistados no processo de adaptação. Devido ao frio, ao facto das casas não estarem preparadas para o clima, encontrar vestuário e

roupas de cama que fossem adequadas, é muitas vezes um desafio. Como consequência, acabavam por faltar às aulas, o que resultava no insucesso escolar.

Como atividades extracurriculares, os entrevistados enumeraram as atividades promovidas pela AEAB e pelo IPB, nomeadamente atividades culturais, recreativas e desportivas. De forma unânime, os ex-alunos PALOP consideraram estas atividades essenciais, na medida em que acabavam por conhecer outros estudantes, o que tornou o processo de adaptação e integração muito mais fácil.

Apenas um dos entrevistados teve mais dificuldade durante este processo, destacando como barreira a sua personalidade e imaturidade. Para os que gostavam de socializar, o processo foi muito fácil, mas devido ao medo e despreparo para gerir situações normais do dia a dia, a entrevistada acabou por se isolar, o que dificultou todo o processo de adaptação.

Para os ex-alunos dos PALOP, apesar de Bragança ser uma cidade muito acolhedora, a integração depende muito da personalidade de cada um. Todos concordaram que para haver uma boa integração, é preciso ser extrovertido, comunicativo e, também, mostrar interesse nas atividades da comunidade. Portanto, pode dizer-se que o acolhimento é um processo bilateral. O acolhimento por parte comunidade africana e os colegas de escola foram apontados como sendo essenciais durante a integração.

Ainda assim, apesar de um dos entrevistados achar que os processos de integração e adaptação são longos e contínuos, os outros dois acham que, pelo facto da cidade ser pequena, a adaptação é fácil e rápida, principalmente se o aluno tiver abertura e interesse para que isso aconteça.

Bragança, do ponto de vista dos entrevistados, é uma cidade que evoluiu muito, e isso, na prática, faz com que a adaptação e integração de novos alunos PALOP se torne muito mais fácil. Antes, eram poucos os estudantes PALOP que residiam na cidade, e atualmente, Bragança possui uma grande comunidade africana.

Durante todos os anos a viver em Bragança, os entrevistados notam grandes diferenças nas suas personalidades, principalmente no que diz respeito à responsabilidade, dedicação à família e ao tornarem-se mais sociáveis.

Por ser uma cidade segura e barata, apesar de fria e muitas vezes com poucas oportunidades, é vista pelos entrevistados como um local propício para iniciar a vida profissional após terminar os estudos. De acordo com os entrevistados, a decisão de permanecer na cidade aconteceu de forma muito natural, tendo como principal base, o facto de terem formado família, em Bragança, e já terem um trabalho que gostam e com estabilidade

financeira. Apesar disso, não foi propriamente uma decisão fácil, apenas uma escolha que, na altura, era a mais acertada.

Ao longo dos anos, a comunidade africana de Bragança cresceu muito, hoje até se vê empreendedores na cidade, o que é motivo de orgulho. É notável a evolução e o desenvolvimento da cidade, o que gerou a necessidade de mão-de-obra jovem, e conseqüentemente, mais trabalho para aqueles que após a conclusão dos estudos, decidiram ficar em Bragança.

Portanto, apesar do clima, que continua a ser um desafio, mesmo após todos estes anos a viver em Bragança, a cidade devido à segurança e ao estilo de vida barato, na percepção dos entrevistados, é um ótimo local para iniciar a vida profissional.

Capítulo IV – Proposta de intervenção social

O presente estudo permitiu tirar algumas conclusões no sentido de perceber, as necessidades e dificuldades presentes no processo de integração, havendo assim espaço para se fazer algo que possa vir a ajudar os estudantes estrangeiros em aspetos que têm dificultado a sua integração social, minimizando, assim, os danos no percurso académico.

Devido a vários fatores de ordem, económica, política, social, cultural, religiosa, verificamos diferenças na formação humana e no preparo que cada um trás, e que em determinadas situações poderão originar conflitos ou gerar dificuldades na resolução de problemas do dia a dia.

Assim, reitera-se a pertinência de uma proposta de abertura de um gabinete de apoio aos estudantes estrangeiros por parte do IPB, em cooperação com a Escola Superior de Educação (ESE), o Centro de Saúde, o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), as Associações de Estudantes e, também, com a Segurança Social – o anterior estudo de Novo et al. (2020) já havia deixado evidente esta necessidade da “criação de um gabinete de apoio de aconselhamento administrativo e procedimental” (p. 13).

1. Justificação de proposta

Tanto nos questionários como nas entrevistas, pudemos constatar que há uma série de dificuldades que se perfilam durante esse processo de integração social, demonstrando essa necessidade de se fazer algo que vá de encontro às necessidades dos alunos:

- Combater esta problemática de integração, que tem provocado casos de insucesso escolar, abandono e, até mesmo, de problemas do foro mental como depressão e burnout;
- Alcançar acordos com parceiros importantes como ESE, Centro de Saúde, SEF, Segurança Social;
- Encontrar um ponto estratégico para a abertura de um gabinete acessível aos estudantes;
- Divulgação do gabinete junto das comunidades estrangeiras;
- Acompanhamento e contacto regular com os estudantes em dificuldade.

Através da sensibilização desta problemática junto dos estudantes estrangeiros, efetivar este gabinete como um ponto de real valor para um processo de integração positivo; de análise da situação e intervenção objetiva, que consiga reduzir o impacto dos aspetos negativos e como facilitador deste processo e das condições de aprendizagem.

2. Procedimentos

No âmbito desse projeto, os mencionados acordos e parcerias poderão ser vitais para o sucesso esperado. Contar com profissionais do SEF, da Segurança Social, do Centro de Saúde, no apoio desse gabinete durante algumas horas por semana.

Ter esses profissionais, tanto em atendimento, como em palestras transmitindo conhecimentos que farão a diferença, podendo assim ir ao encontro, de forma direta, a alguns dos problemas que afetam este grupo.

Outro ponto de igual importância, seria um protocolo com a Escola Superior de Educação onde alunos do 3º ano da Licenciatura em Educação Social e do 1º ano do Mestrado pudessem ser englobados numa ótica de atendimento, aconselhamento e encaminhamento, sempre numa perspectiva de resolução dos problemas.

O horário de funcionamento a definir com as instituições, numa perspectiva de atendimento em três tardes por semana e, ao longo do tempo, ir fazendo uma avaliação das necessidades e reajustando do horário em função disso.

As instituições protocoladas terão vital importância na implementação deste projeto, pois serão elementos ativos e cooperantes no desenrolar de ações muito importantes, como atendimento, análise, aconselhamento e orientação do aluno.

Para o arranque deste projeto, o apoio da ESE/IPB, tanto na validação do propósito desta intervenção, como no apoio para sua implementação seria fundamental, bem como do Núcleo do curso de Educação Social, um compromisso de cedência dos seus alunos para que possam ser a base no processo de atendimento ao público.

As instituições CS, SEF e SS no apoio com profissionais capazes de responder às dúvidas dos estudantes estrangeiros e no aconselhamento para uma melhor tomada de decisão.

Contudo, não se anteveem facilidades pela complexidade, pois é de real importância conseguir esses protocolos com as instituições, não só por acrescentarem muito ao projeto com o conhecimento, experiência, capacidade de resposta, mas também para credibilizar o poder dessa intervenção junto dos alunos em questão, para que possam acreditar na possibilidade de sucesso dos pretendidos resultados.

Conclusões e recomendações

A importância desta investigação parte da necessidade de conhecer as motivações e os interesses desta comunidade na permanência nesta instituição de Ensino Superior e nesta cidade transmontana (questão-problema), ou seja, estudar e compreender da melhor forma, as dificuldades e necessidades dos estudantes dos PALOP do Instituto Politécnico de Bragança. Assim sendo, efetuar o levantamento da opinião desta comunidade teve, neste ponto, o seu principal objetivo, para melhorar a integração e adaptação dos mesmos, tanto na vida académica como na extra académica.

Geralmente, os problemas dos estudantes estrangeiros e, neste caso específico dos PALOP, não têm apenas uma só origem, sendo influenciados tanto por questões sociais, económicas, culturais e políticas do seu país de origem, como do país de acolhimento – pela identificação do percurso académico e social dos estudantes da comunidade PALOP, confirmou-se esta realidade.

Além do questionário *online*, foram entrevistados três ex-estudantes do IPB, que após a conclusão do curso, permaneceram em Bragança e vivem na cidade até hoje. Tendo como base os objetivos traçados, tanto para o questionário como para a entrevista, é possível observar que, de acordo com os resultados obtidos, tanto os inquiridos como os entrevistados, têm a mesma visão sobre a integração e adaptação dos estudantes PALOP em Bragança.

Ambos os grupos reconheceram que a cidade de Bragança apesar de ser muito fria, não ter tantas oportunidades a nível profissional, não ter casas preparadas para temperaturas tão baixas, e muitas vezes, devido ao crescente número de estudantes que chegam todos os anos, existe alguma dificuldade em se encontrar alojamento, também acham que, a cidade além de muito recetiva, segura e ter um custo de vida barato, por ter uma comunidade africana muito grande, torna-se mais fácil os emigrantes PALOP se sentirem em “casa”. Apesar disso, as saudades dos familiares e amigos torna os processos de adaptação e integração muito mais difíceis à(s) comunidade(s) envolvente(s).

Compreenderam-se as motivações dos estudantes PALOP para a sua permanência na região brigantina após terminarem os seus estudos, pelas justificações dos participantes, como sendo os principais motivos a família e as condições de trabalho. Os entrevistados de forma geral, por terem um trabalho que lhes dá estabilidade e, ainda, por terem formado família em Bragança, decidiram continuar as suas vidas na cidade. Apesar de não terem encontrado trabalho nas suas áreas de formação, conseguiram ter um trabalho que lhes permite ter alguma independência e, para aqueles que têm filhos, que lhes desse alguma qualidade de vida.

Estes mesmos estudantes PALOP percebem a região brigantina e o acolhimento da sua comunidade a novos alunos, como sendo muito boa, tanto os entrevistados como os inquiridos que participaram do questionário *online*. Por ser uma cidade pequena, é muito mais fácil fazer novas amizades, o que conseqüentemente, torna o processo de adaptação muito mais rápido. O acolhimento por parte da comunidade africana foi apontado como sendo essencial, principalmente devido às atividades promovidas pelos mesmos. No entanto, a comunidade local também tem um papel muito importante neste processo, na medida em que este acolhimento faz com que os estudantes se sintam bem na cidade.

No entanto, algumas limitações devem ser consideradas neste estudo. A primeira limitação tem a ver com este estudo aplicado no Instituto Politécnico de Bragança, não possuir equivalentes estudos em outras IES transmontanas, o que limita a generalização dos resultados. De forma a ultrapassar esta limitação, é sugerida que seja realizado um estudo similar, tendo como amostra alunos oriundos dos PALOP em outras Instituições de Ensino Superior.

Outra limitação é o instrumento usado para recolher os dados, nomeadamente o questionário online, que por ser constituído maioritariamente por perguntas fechadas, de forma a facilitar a análise quantitativa dos dados, onde os respondentes não têm a liberdade de expor as suas opiniões de forma livre. Uma forma de ultrapassar essa limitação, seria a realização de entrevistas, de forma a compreender melhor o ponto de vista da comunidade PALOP, relativamente ao tema em estudo.

No futuro, com este trabalho, espera-se conseguir contribuir para o melhor funcionamento de um gabinete de apoio, a existir, destinado aos estudantes estrangeiros, em todas as Instituições de Ensino Superior do país, de forma a suprir as suas necessidades e dificuldades, na vida académica e extra académica.

Referências bibliográficas

- Abdula, R. A. M., Timbane, A. A., & Quebi, D. O. (2017). As Políticas Linguísticas nos PALOP e o Desenvolvimento Endógeno. *Revista Internacional em Língua Portuguesa* (31):21–44. doi: 10.31492/2184-2043.RILP2017.31/pp.21-44.
- Abreu, I. M. C. (2019). O Ensino Superior em S. Tomé e Príncipe: Desafios do Instituto Superior de Educação e Comunicação na formação dos Professores para a transformação social. Universidade de Évora.
- Afronegocio. (2014). *Rede de Cooperação da Fileira das Tecnologias e Serviços do Agronegocio 2014*.
- Ampagatubó, J. (2017). Desenvolvimento: um conceito que disfarça preconceitos e ideologias dos países industrializados. *Desenvolvimento e Sociedade*, nº 2, 21-29. https://www.revistas.uevora.pt/index.php/desenvolvimento_sociedade/article/view/201
- Barreto, M. A. (2013). Papel Da Sociedade Civil Na Educação E Na Formação Em Moçambique: Potencialidades E Constrangimentos. 24–26.
- Benzinho, J., & Rosa, M. (2015). *Guia turístico: à descoberta da Guiné-Bissau*.
- Bergano, S. (2012). A construção identitária em comunidades plurais e inclusivas. *EduSer revista de educação*, 4(2), 1-11. <http://hdl.handle.net/10198/11149>
- Bergano, S., Novo, R., & Prada, A. (2020). PALOP students in higher education: the necessary paths of access to academic success. In B. Merrill, C.C. Vieira, A. Galimberti, & A. Nizinska (Eds.), *Adult education as a resource for resistance and transformation: voices, learning experiences, identities of student and adult educators* (pp. 215-222). Universidade de Coimbra. <http://hdl.handle.net/10198/25622>
- Caixa Geral de Depósitos. (2014). São Tomé E Príncipe: Oportunidades E Potencial De Desenvolvimento: Internacionalização Das Economias. Lisboa.
- CESO CI Portugal. (2011). *Manual do Empreendedor. Moçambique*.
- CIA World Factbook. (2021). Angola - The World Factbook. <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/angola/>
- Costa, H. (2009). Economia informal dos estudantes PALOP em Coimbra. Tese de Mestrado em Sociologia. Universidade de Coimbra.

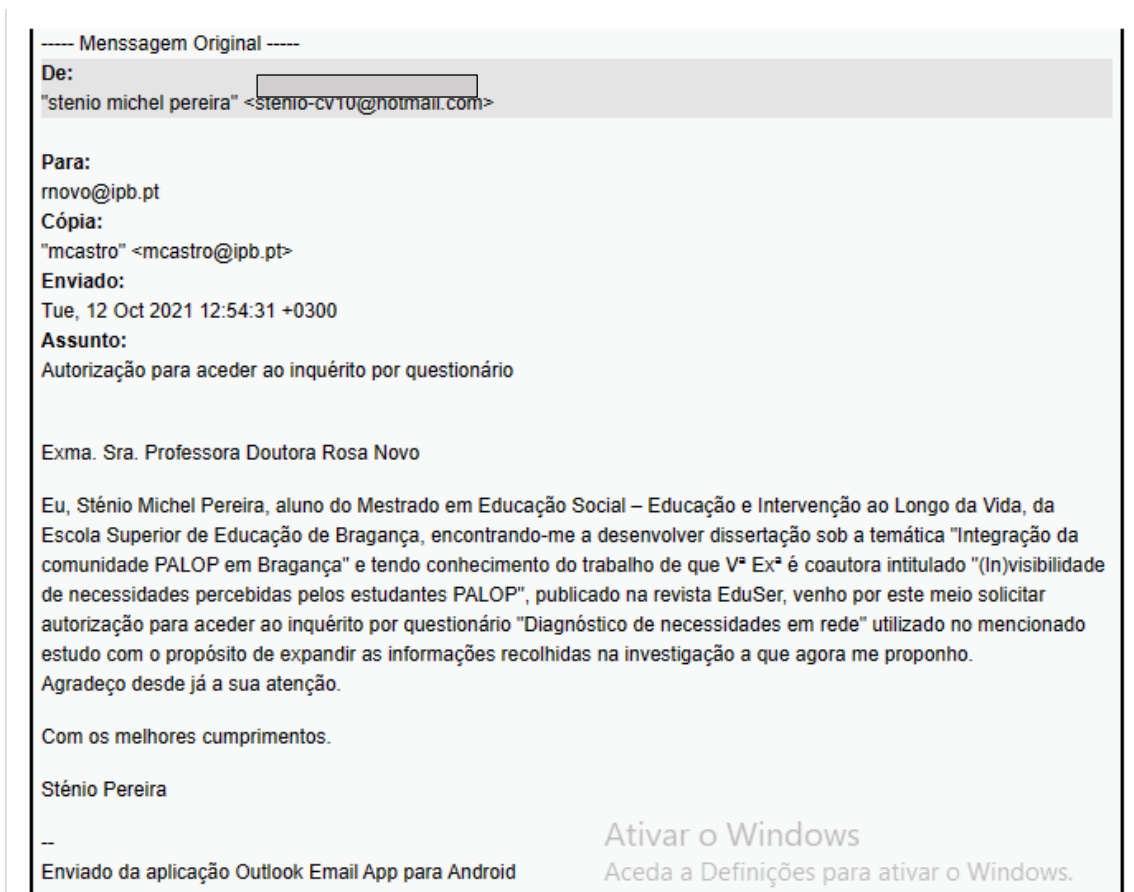
- Coutinho, M. P. L., Rodrigues, I. F., & Ramos, N. (2012). Transtornos mentais comuns no contexto migratório internacional. *Psico* 43(3), 400–407.
- Doutor, C. S., & Alves, N. (2020). Estudantes dos PALOP no ensino superior português. *Laplage em revista*, 6(1), 47–60. <https://doi.org/10.24115/S2446-6220202061719>. p.47-60
- Doutor, C., Marques, J. F., & Ambrósio, S. (2016). Transição para Portugal: o caso dos estudantes provenientes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa no Ensino Superior. *Univers(Al)idade - Estudantes «não Tradicionais» No Ensino Superior: Transições, Obstáculos e Conquistas*, 1–11. <https://ria.ua.pt/handle/10773/19000?mode=full>
- Ferreira, L. E. (1997). *Cabo Verde*. Universidade Lisboa.
- Figueiredo, M. (2005). Estudantes dos PALOP na Universidade de Évora: do Levantamento das Dificuldades e Necessidades à Procura de Soluções. Tese de Mestrado em Sociologia. Universidade de Évora.
- IMPA. (2020). IPMA - Instituto Português do Mar e da Atmosfera. <https://www.ipma.pt/pt/oclima/monitorizacao/>
- Instituto Nacional de Estatística (INE) (2021). *População residente*. <https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE>
- Instituto Nacional de Estatística de Angola. (2022, 10 maio). Disponível em: www.ine.gov.ao/xportal/xmain?xpid=ine
- Instituto Politécnico de Bragança (2021). *Instituto Politécnico de Bragança*. <https://portal3.ipb.pt/index.php/pt/ipb>
- Jardim, B. R. D. (2013). Estudantes PALOP no Ensino Superior Português-das Necessidades Sentidas aos Apoios Prestados. Universidade Técnica de Lisboa.
- Kapital do Nordeste. (2020). Alunos estrangeiros do Politécnico começam a fixar-se em Bragança através da criação de negócios | Kapital do Nordeste. <http://www.kapitaldonordeste.pt/alunos-estrangeiros-do-politecnico-comecam-fixar-se-em-braganca-atraves-da-criacao-de-negocios>
- Liberato, E. (2014). Avanços e retrocessos da educação em Angola. *Revista Brasileira de Educação*, 19(59), 1003-1031. DOI: 10.1590/s1413-24782014000900010.

- Liberato, E. (2016). A Importância da Formação Superior no Processo de Desenvolvimento em Angola. *Sinais*, 2(20), 82-98. <https://periodicos.ufes.br/sinais/article/view/13560>
- Ministério da Educação. (2010). *Reflexões sobre a Evolução do Sistema de Educação de Angola ao longo dos 35 anos de Independência*. <https://xilonga.med.gov.ao/sobre-educacao>
- Mühlen, B. K. V., Dewes, D., & Leite, J. C. C. (2010). Stress e Processo de Adaptação em Pessoas que Mudam de País: Uma Revisão de Literatura. *Ciência Em Movimento*, 12(24): 59–67. <https://doi.org/10.15602/1983-9480/cmbs.v12n24p59-67>
- Município de Bragança. (2021). *Breve Panorâmica Histórica - CM Bragança*. <https://www.cm-braganca.pt/municipio/sobre-braganca/breve-panoramica-historica>
- Novo, R., Prada, A., Lopes, L., & Moreno, L. (2020). (In)visibilidade de necessidades percebidas pelos estudantes PALOP. *Eduser: revista de educação*, vol. 12(1). <https://doi.org/10.34620/eduser.v12i1.140>
- P3LP. (2016). *Cluster da água na Guiné-Equatorial*. 61.
- De Pina, V. D. L. (2009). Cabo Verde e a Educação: ganhos e desafios. *Meta: Avaliação* 1(3), 375–85. doi: 10.22347/2175-2753v1i3.56.
- Ramos, N. (2009). Saúde, Migração e Direitos Humanos. *Mudanças - Psicologia da Saúde* 17(1), 1–11. doi: 10.15603/2176-1019/mud.v17n1p1-11.
- Resíduos do Nordeste. (2020). Resíduos do Nordeste, EIM - Sobre nós - Os Concelhos. <https://www.residuosdonordeste.pt/concelhos/braganca>
- Ribeiro, M. I. B., & Gonçalves, J. A. (2008). Desenvolvimento Local no Distrito de Bragança em VII CIER – *Cultura, Inovação e Território*. Coimbra.
- Sá, A. L. (2015). Guiné Equatorial e CPLP: desafios ao futuro da Lusofonia. *Janus 2015-2016 - Integração regional e multilateralismo* 156–57.
- Sané, S. (2018). Os desafios da Educação na Guiné-Bissau. *Revista Temas em Educação* 27(1), 55. doi: 10.22478/ufpb.2359-7003.2018v27n1.39717.
- Santos, A. (2002). *Antropologia geral: etnografia, etnologia, antropologia social*. Universidade Aberta.

- Santos, N. L., & Faria, L. (2008). Imigrantes negros dos PALOP africanos em Portugal: auto-percepções e percepções de características sócio-profissionais. *Antropológicas* 16(10), 257–83.
- Silva, C., Abrantes, J. L., & Duarte, I. (2009). Integração Social e Académica dos Alunos Provenientes dos PALOP no Ensino Superior Português: Um estudo de Caso. In *Atas do 1º Congresso de Desenvolvimento Regional de Cabo Verde* (pp. 41-482). <http://www.apdr.pt/congresso/2009/pdf/Sessão%206/5A.pdf>
- Silva, E. J. G., & Prado, E. C. (2019). A educação na Guiné-Bissau impactos de uma independência tardia. 1–7. em IX Encontro Alagoano de Pesquisa Educacional (EPEAL).
- Silva, G. (2007). *Educação e género em Moçambique*. Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto. <http://www.africanos.eu>
- Timbane, A. A., & Balsalobre, S. R. G. (2017). Apresentação - Língua Portuguesa em África: Políticas Linguísticas e Crioulos em Debate. *Revista Internacional em Língua Portuguesa* (31), 15–19. doi: 10.31492/2184-2043.rilp2017.31/pp.15-19.

Anexos

Anexo I – Solicitação de autorização para aceder e aplicar o inquérito por questionário elaborado no âmbito do estudo “Diagnóstico de necessidades em rede” (Email enviado à coautora Professora Doutora Rosa Novo, a 12 de outubro de 2021)



Anexos II – Autorização para acesso ao inquérito por questionário elaborado no âmbito do estudo “Diagnóstico de necessidades em rede”

A autorização para aplicação do designado inquérito por questionário, pela autora Professora Doutora Rosa Novo foi enviada, nesse mesmo dia de 12 de outubro de 2021.

Anexo III – Inquérito por questionário “Diagnóstico de necessidades em rede”
(re)aplicado online pelo *Google forms*



Questionário

O presente estudo insere-se no âmbito da tese de Mestrado em Educação Social, tendo como objectivos principais, fazer um rastreio das necessidades sentidas e dos apoios recebidos pelos estudantes provenientes dos PALOP, e assim contribuir para a implementação de um gabinete de apoio na cidade de Bragança. Agradecemos a sua importante colaboração, respondendo as questões que se seguem. A sua participação é voluntária e anónima e as suas respostas confidenciais.

Identificação Pessoal

1. Sexo?

Masculino___ Feminino___

2. Idade?

_____ anos.

3. Estado civil?

Solteiro(a)___

Casado(a)/União de facto___

Divorciado(a)___

Viúvo(a)___

4. Tem filhos?

Sim___ Não___

5. Tendo respondido “sim”, residem consigo em Bragança?

Sim___ Não___

6. Qual a sua nacionalidade?

Angolana___

Cabo-verdiana___

Guineense___

Guinéu-equatoriano___

Santomense___

Dupla nacionalidade___

7. Se respondeu "Dupla nacionalidade" na questão anterior, qual??

8. Há quanto tempo se encontra em Portugal?

Menos de 1 ano ___

1 a 2 anos ___

2 a 3 anos ___

3 a 4 anos ___

4 a 5 anos ___

Mais de 5 anos ___

9. De onde vem os seus meios de subsistência? (indique uma ou mais opções)

Apoio financeiro dos pais ou familiares ___

Rendimento Próprio ___

Área de trabalho ___

Bolsa de estudos ___

Pais de origem ___

Pais de acolhimento ___

Apoio financeiro da Segurança Social ___

Outros ___

10. Se respondeu "Outros" na questão anterior, qual ou quais?

11. Indique o seu rendimento mensal?

0 até 100 euros ___

Entre 101 e 200 euros ___

Entre 201 e 300 euros ___

Entre 301 e 400 euros ___

Entre 401 e 500 euros ___

Entre 501 e 600 euros ___

Entre 601 e 700 euros ___

Mais de 701 euros ___

12. Esse rendimento mensal é o suficiente para satisfazer as suas necessidades fundamentais?

Sim ___ Não ___

Compartilhe connosco a sua experiência como estudante no ensino superior

13. É a sua primeira vez como estudante do ensino superior?

Sim ___ Não ___

14. Qual o nível de ensino neste momento?

Curso técnico e superior profissional ___

Licenciatura ___

Mestrado ___

Doutoramento ___

15. Em que ano se encontra?

1º ano ___

2º ano ___

3º ano ___

4º ano ___

16. Indique as principais razões que o levaram a escolher Bragança para continuar os estudos? (indique uma ou mais opções)

O conhecimento da língua

O facto de ter amigos/familiares na cidade ___

A qualidade e reputação da instituição de ensino ___

O baixo custo de vida da cidade ____

A possibilidade de estudar e permanecer no estrangeiro ____

Outro motivo ____

17. Se respondeu "Outro motivo" na questão anterior, indique qual.

18. Pratica frequentemente atividades extracurriculares tais como: Música, Dança, Teatro, Desporto, entre outros?

Sim ____ Não ____

A sua adaptação a cidade de Bragança

19. Há quanto tempo vive em Bragança?

20. Conhecia alguém que já lá estava antes de chegar a cidade?

Sim ____ Não ____

21. Onde reside?

Casa ou apartamento alugado com colegas ou amigos ____.

Quarto alugado ____

Residência dos serviços de acção social ____

Hotelaria ____

Casa de familiares ____

Lar de instituições sociais ____

Outra opção ____

22. Se respondeu "Outra opção" na questão anterior, especifique qual.

23. Vive com pessoas da mesma nacionalidade?

Sim ___

Não ___

Vivo sozinho ___

24. Caso tenha partilhado casa com um estudante português, como foi a experiência em relação a sua adaptação?

Positiva ___

Negativa ___

Indiferente ___

25. Indique numa escala de 1 a 5, o quanto concorda com as seguintes afirmações. 1-

Discordo completamente; 2- Discordo; 3- Não concordo nem discordo; 4- Concordo; 5- Concordo completamente.

	1	2	3	4	5
Bragança é uma cidade segura!					
Tem um custo de vida acessível!					
É uma cidade de fácil adaptação!					
Os estudantes dos PALOP são bem acolhidos pela população brigantina!					
A adaptação foi fácil, pois antes de vir tive todas as informações necessárias sobre Bragança!					
Adaptar ao clima da cidade é fácil!					
Encontrar alojamento na cidade é fácil!					
A população brigantina demonstra interesse em comunicar e interagir com os estudantes PALOP!					
É muito útil o apoio prestado pela AEAB (Associação de Estudantes Africanos em Bragança)!					
Os hábitos e costumes de Bragança são de fácil adaptação!					

Serviços de apoio encontrados na comunidade

26. Que tipo de apoios recebe ou já recebeu? (indique uma ou mais opções)

- Segurança Social
- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF)
- Instituições Privadas de Solidariedade Institucional (IPSS's)
- Associação de Estudantes Africanos em Bragança (AEAB)
- Serviços de Acção Social do IPB
- Câmara Municipal
- Associação de Estudantes do IPB
- Centros de Saúde
- Gabinete de Relações Internacionais
- Núcleo de Apoio à Vítima de Violência Doméstica
- Gabinete de saúde do IPB
- Outros

27. Tendo em conta a sua resposta na questão anterior, aponte que tipo de apoio recebeu

28. Já sentiu necessidade de apoio de alguma dessas instituições?

Sim Não

29. Caso tenha respondido “Sim”, especifique que tipo de apoio?

Necessidades/Dificuldades Sentidas

30. Indique numa escala de 1 a 5, o quanto concorda com as seguintes afirmações. 1- Discordo completamente; 2- Discordo; 3- Não concordo nem discordo; 4- Concordo; 5- Concordo completamente.

	1	2	3	4	5
Tenho dificuldade financeira para pagar as propinas.					
Sinto alguma desmotivação para continuar os estudos.					
Tenho dificuldade em comprar roupa.					
Sinto dificuldade em pagar a renda da minha habitação.					
Tenho dificuldade em pagar as contas de água, luz e gás.					
Sinto dificuldade em pagar a minha alimentação.					
Tenho dificuldade na gestão do meu rendimento mensal.					
Sinto dificuldade na obtenção de alojamento.					
Dificuldade em lidar com a distância e saudades dos familiares.					
Dificuldade em aceder aos serviços de cuidado de saúde.					
Tenho dificuldade no acesso e preenchimento online dos processos dos Serviços de Estrangeiros e Fronteiras (SEF).					
Sinto dificuldade em compreender a linguagem e informações nos serviços de saúde.					
Sinto dificuldade na aquisição dos métodos contraceptivos.					
Tenho dificuldade no uso dos métodos contraceptivos.					
Tenho ou tive problemas com a renovação do cartão de residência junto dos Serviços de Estrangeiros e Fronteiras (SEF).					
Dificuldade suplementar em acompanhar a matéria no primeiro ano do curso.					
Sinto dificuldade em ir as aulas devido ao frio.					
Tenho dificuldade em me adaptar as praxes académicas.					
Sinto dificuldade em aceder as plataformas digitais do IPB					

31. Quais os aspetos ou serviços que acredita precisarem de uma melhoria a fim de servirem de melhor forma os alunos dos PALOP? (selecione uma ou mais opções)

- Mais e melhor Informação sobre aspectos culturais da cidade e do país
- Mais e melhor Informação sobre aspectos climáticos e meteorológicos da cidade
- Informação essencial sobre o IPB e serviços existentes
- Maior divulgação dos serviços de saúde disponíveis na cidade
- Divulgação de informação sobre as etapas no processo de legalização no país
- Outros

32. Se respondeu “Outros” na questão anterior, indique quais.

33. Pensa ser importante a criação de um gabinete de apoio aos estudantes estrangeiros e migrantes em geral?

Sim ____. Não ____.

Anexo IV – Termo de consentimento informado assinado pelos participantes da entrevista

Termo de Consentimento

Eu, _____ aceito participar de livre vontade no estudo da autoria de Sténio Pereira, mestrando da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança, sob orientação da Professora Doutora Marília Castro, docente do Departamento Ciências Sociais, no âmbito da dissertação de Mestrado em Educação Social – Intervenção ao Longo da Vida, com o título “Integração da comunidade PALOP em Bragança”. Foi-me prestada uma explicação integral acerca da natureza e objetivos do estudo, sendo concedida a possibilidade de esclarecer todos os aspetos que considere pertinentes.

Entendi e aceito responder à presente entrevista para que explora questões decorrentes da temática mencionada. Compreendo que a minha participação neste estudo é voluntária, podendo desistir a qualquer momento, sem que essa decisão se reflita em qualquer prejuízo para mim. Ao participar neste trabalho, estou a contribuir para uma maior reflexão acerca das motivações e os interesses da comunidade PALOP na permanência em Bragança, não sendo, contudo, acordado qualquer benefício direto ou indireto pela minha colaboração. Concordo que os dados sejam analisados pelo investigador deste estudo.

Entendo, igualmente, que toda a informação obtida neste estudo será estritamente confidencial e que a minha identidade não será revelada em qualquer relatório, publicação ou circunstância não relacionada diretamente com este estudo, a menos que eu o autorize por escrito.

Declaro que sou maior de idade e que li o formulário de consentimento e pretendo prosseguir e participar no presente estudo.

Assinatura _____

Data ___/___/___

Anexo V – Guião para entrevista

Tema: Integração da comunidade PALOP em Bragança

Questão-problema: Quais as motivações e os interesses da comunidade PALOP na permanência em Bragança?

Objetivos:

Geral: Conhecer as motivações e os interesses da comunidade PALOP na permanência em Bragança.

- i) Identificar o percurso académico e social dos estudantes da comunidade PALOP;
- ii) Caracterizar o processo de adaptação dos estudantes PALOP à(s) comunidade(s) envolvente(s);
- iii) Compreender as motivações dos estudantes PALOP para a sua permanência na região brigantina após terminar os seus estudos;
- iv) Conhecer as perceções dos estudantes PALOP relativamente à região transmontana brigantina e ao acolhimento da sua comunidade a novos alunos.

Blocos temáticos		Operacionalização/Formulação de questões	
Bloco 1	Legitimação da entrevista	Termo de consentimento livre e informado	
Bloco 2	. Caracterização/ identificação dos entrevistados . Identificação do percurso académico	. Sexo . Idade . Estado civil . Filhos . Habilitações académicas . Profissão/ocupação . Idade à chegada . Impacto inicial com a mudança . Conclusão dos estudos . Idade à conclusão dos estudos	P1. Sexo? P2. Idade? P3. Estado civil? P4. Tem Filhos? Caso tenha indique quantos tem? P5. Quais as suas habilitações académicas? P6. Qual a sua profissão/ocupação no momento? P7. Com que idade chegou a cidade para prosseguir os seus estudos? P8. De forma geral qual foi o impacto inicial depois dessa mudança? P9. Em que ano concluiu os seus estudos?

			P10. Qual era a sua idade nessa altura?
Bloco 3	Processo de adaptação	<ul style="list-style-type: none"> . Problemas no processo de adaptação . Descrição do processo de adaptação . Maiores dificuldades no processo de adaptação . Envolvimento em atividades extracurriculares . Fatores inerentes à personalidade pessoal . Fatores inerentes à comunidade . Percepção sobre o processo de integração e adaptação . Alterações decorrentes do processo na personalidade 	<p>P11. Consegue identificar os problemas que teve no seu processo de adaptação?</p> <p>P12. Faça uma descrição desse processo de adaptação?</p> <p>P13. De entre esses problemas que acabou de enumerar, consegue destacar alguns que foram mais críticos?</p> <p>P14. Qual o nível de envolvimento que teve em atividades extracurriculares?</p> <p>P15. Que fatores inerentes a sua personalidade poderão ter influenciado nesse processo de adaptação?</p> <p>P16. Que fatores inerentes a comunidade poderão ter tido influência nesse processo?</p> <p>P17. Qual a sua opinião e percepção em relação ao processo de integração e adaptação?</p> <p>P18. Que diferenças consegue agora perceber na sua personalidade?</p>
Bloco 4	Motivações de permanência	<ul style="list-style-type: none"> . Decisão de permanência na região . Fatores na decisão de permanência . Circunstâncias na decisão de permanência 	<p>P19. Em que momento percebeu que deveria ou poderia dar continuidade a sua vida pessoal e profissional nessa mesma região onde fez os seus estudos?</p> <p>P20. Que fatores tiveram maior peso nessa decisão?</p> <p>P21. Foi uma decisão fácil ou uma imposição das circunstâncias da vida?</p>
Bloco 5	. Percepções em relação à comunidade	<ul style="list-style-type: none"> . Mudanças percebidas na região . Mudanças valorizadas na região 	P22. Como descreve algumas das mudanças que percebeu ao longo desse tempo?

	<p>. Adaptação/ integração de novos alunos</p>	<p>. Potencialidades da região para permanência</p> <p>. Importância das caraterísticas pessoais</p> <p>. Importância das caraterísticas socioculturais</p> <p>. Importância na conclusão dos estudos acadêmicos</p> <p>. Prevalência de dificuldades</p>	<p>P23. Quais mudanças consegue realçar? P24. Acredita que a região tem potencial para que outros possam seguir o seu exemplo e permanecer? Que aspetos enumera como importantes?</p> <p>P25. Em que medida as características pessoais de cada um, poderão ter impacto nessa região?</p> <p>P26. Atendendo às suas experiências, relaciona características socioculturais e processo de integração?</p> <p>P27. Faça uma breve descrição desses anos de formação académica e humana e também da importância de ter concluído os seus estudos?</p> <p>P28. Que dificuldades nesse processo de adaptação e integração, prevalecem atualmente?</p>
--	--------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Anexo VI – Quadro sinopse elaborado a partir das três entrevistas

Blocos temáticos	Questões/Unidades de registo	
1. Legitimação da entrevista	Termo de consentimento livre e informado	
2. Caracterização/ identificação dos entrevistados	<p>P1. Sexo?</p>	<p>E1. <i>Masculino</i> E2. <i>Masculino</i> E3. <i>Feminino</i></p>
2. Identificação do percurso académico	<p>P2. Idade?</p>	<p>E1. <i>32 anos</i> E2. <i>29 anos</i> E3. <i>30 anos</i></p>
	<p>P3. Estado civil?</p>	<p>E1. <i>União de facto</i> E2. <i>Solteiro</i> E3. <i>União de facto</i></p>
	<p>P4. Tem Filhos? Caso tenha indique quantos tem?</p>	<p>E1. <i>Sim, 2 filhos</i> E2. <i>Não</i> E3. <i>Sim, 2 filhos</i></p>
	<p>P5. Quais as suas habilitações académicas?</p>	<p>E1. <i>Licenciatura em Línguas para Relações Internacionais</i> E2. <i>Engenharias Renováveis</i> E3. <i>Gestão</i></p>
	<p>P6. Qual a sua profissão/ocupação no momento?</p>	<p>E1. <i>Auxiliar de idosos</i> E2. <i>Barbeiro</i> E3. <i>Balconista</i></p>
	<p>P7. Com que idade chegou a cidade para prosseguir os seus estudos?</p>	<p>E1. <i>20 anos</i> E2. <i>20 anos</i> E3. <i>Eu vim com 18 anos, bem novinha.</i></p>
	<p>P8. De forma geral qual foi o impacto inicial depois dessa mudança?</p>	<p>E1. <i>O meu irmão mais velho já cá estava a estudar, por isso eu já estava precavido do que ia encontrar, ainda assim o frio e tudo que envolve era algo difícil de lidar.</i></p> <p>E2. <i>Em primeiro lugar o clima, eu cheguei no início de novembro, que frio fazia. Em relação a cidade não fiquei muito impressionado pois vinha com a imagem de europa, grandes cidades, prédios grandes e centros comerciais</i></p>

	<p>P9. Em que ano concluiu os seus estudos?</p> <p>P10. Qual era a sua idade nessa altura?</p>	<p><i>enormes. Mas as amigas que eu fiz me mostraram as coisas boas daqui e eu comecei a adorar estar aqui.</i></p> <p><i>E3. Foi um choque total, uma solidão imensa, eu era muito apegada a minha família.</i></p> <p><i>E1. Conclui os estudos em 2017.</i></p> <p><i>E2. Em 2022, na verdade desde 2018 que só me faltava apresentar a tese, mas fui deixando andar, também porque com o trabalho não tinha muito tempo.</i></p> <p><i>E3. Em 2017, isso porque eu engravidei em 2016, e parei com a tese durante algum tempo.</i></p> <p><i>E1. Terminei com 26 anos.</i></p> <p><i>E2. Nessa altura tinha 28 anos.</i></p> <p><i>E3. Nessa altura eu tinha 24 anos.</i></p>
<p>3. Processo de adaptação</p>	<p>P11. Consegue identificar os problemas que teve no seu processo de adaptação?</p> <p>P12. Faça uma descrição desse processo de adaptação?</p>	<p><i>E1. O clima; falta de roupas próprias para lidar com o frio; o frio dentro de casa; Rigor no cumprimento de prazos, horários; Gestão do meu dinheiro até mesmo do meu tempo; Saudades de casa, da família e amigos.</i></p> <p><i>E2. Adaptação ao clima, alimentação, e gestão do meu dinheiro, adaptação a uma mentalidade um pouco diferente.</i></p> <p><i>E3. A solidão e o medo do desconhecido fizeram com que tivesse um primeiro ano difícil. Adaptar-me ao frio também foi um desafio.</i></p> <p><i>E1. (...) eu diria que 12 anos depois ainda sou capaz de me lembrar de algumas coisas. Em primeiro lugar sem dúvida o frio, pois antes disso nunca tinha vestido um casaco. Não sabia como me vestir para combater o frio, nem reconhecia os tecidos próprios para melhor proteger do frio. Isso levou algum tempo. Outro ponto importante era lidar com o frio dentro de casa, isso era simplesmente horrível, e quando abusávamos do</i></p>

		<p><i>aquecedor, a conta da luz vinha alta, outro problema para resolver pois o dinheiro era contado. Uma coisa boa é que já havia uma associação de estudantes africanos, e eram muito unidos e ativos em termos de atividades e programas diversos, isso ajudou e muito a me sentir quase em casa. As praxes também ajudaram nesse sentido onde pude conhecer muita gente, mas daí vinha um problema, saíamos para a noite sempre, copos e tal, depois levantar da cama ainda por cima com aquele frio, era muito complicado, faltei as aulas muitas vezes. Tive alguma dificuldade no primeiro ano escolar, acabei por deixar umas quantas disciplinas para trás. Mas no segundo ano já comecei a lidar melhor com as coisas da escola, a dedicar-me mais e a gerir melhor o meu tempo.</i></p> <p><i>E2. Foi uma grande mudança, no inverno estar em casa era complicada, por mais roupa que vestisse para sair, tinha sempre frio. Eu não sabia cozinhar as vezes comia mal a conta disso, ainda bem que se comia bem na cantina, mas depois eu fui aprendendo. Tive que aprender a gerir melhor o dinheiro que eu tinha para poder chegar para o mês todo.</i></p> <p><i>Mesmo na escola o ritmo era diferente, muita matéria e muitos trabalhos, eu me via grego para dar conta de tudo, mas com a ajuda de alguns colegas de curso, acabei por melhorar nesse aspeto. Foi preciso adaptar-me as pessoas, por vezes mais fechadas, as vezes desconfiadas, talvez com o desconhecido.</i></p> <p><i>E3. Foi bem difícil no começo, senti muita falta da minha família, na verdade o meu pilar, por vezes senti-me sozinha e com medo, isso fez-me isolar um pouco, dificultando uma rápida adaptação. Posso falar do frio também embora para mim não fosse o pior, não que goste, mas consigo lidar bem com isso, até prefiro o frio a muito calor.</i></p> <p><i>E1. Sem dúvida o frio em primeiro lugar, gerir o meu dinheiro para n ter problemas no final</i></p>
--	--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>P15. Que fatores inerentes a sua personalidade poderão ter influenciado nesse processo de adaptação?</p>	<p>E1. <i>Eu sempre gostei de convívios, estar com os amigos em comes e bebes, uma pessoa sociável, isso acabou por facilitar na minha adaptação.</i></p> <p>E2. <i>Eu sempre me dei bem com toda gente e de forma fácil, e normalmente as pessoas gostam de mim, então foi tudo natural. Eu gosto de brincar e fazer as pessoas rirem, quando rimos com alguém, há uma ligação que se cria, nos aproximamos sem dar-nos conta.</i></p> <p>E3. <i>Eu diria que o medo e o meu despreparo para gerir situações normais do dia-a-dia, fizeram com que esse processo de adaptação fosse difícil e penoso por vezes. Alguma imaturidade e inexperiência em gerir a minha vida de forma independente dos meus pais.</i></p>
	<p>P16. Que fatores inerentes a comunidade poderão ter tido influência nesse processo?</p>	<p>E1. <i>Tanto a comunidade dos estudantes africanos como os colegas da escola facilitaram muito esse processo pois fizeram-me sentir bem no grupo deles.</i></p> <p>E2. <i>Eu faria aqui uma pequena divisão entre a comunidade escolar, a comunidade Africana, e a comunidade local. Toda envolvimento acadêmica favorece bastante para uma boa adaptação, com as associações académicas, os núcleos, as praxes, etc. A comunidade Africana presente que acolhe e integra quem chega da melhor forma possível, com vários programas culturais e recreativos, projetos de integração. E a comunidade local que de certa forma acolhe e facilita os estudantes para que se sintam bem nessa cidade.</i></p> <p>E3. <i>A parte negativa da minha integração no primeiro ano, se deve única e exclusivamente a mim mesma. Mas a cidade, a comunidade escolar, e a comunidade africana presente, sempre proporcionaram momentos que facilitavam uma boa integração, que eu viria a partir do segundo ano a tirar bom proveito.</i></p> <p>E1. <i>É um processo longo e continuo pois, muitos como eu nunca tinham saído do país</i></p>

	<p>P17. Qual a sua opinião e percepção em relação ao processo de integração e adaptação?</p>	<p><i>de origem até viram para cá estudar, ainda são algumas mudanças significativas, tanto o IPB com as associações de estudantes como a própria cidade com uma certa envolvimento, acabam por facilitar nesse processo de adaptação, mas caberá sempre a cada um saber até onde se permite ir para poder fazer de um país, uma cidade, a sua nova casa.</i></p> <p><i>E2. A cidade é pequena e acolhedora, o que ajuda a que tudo aconteça de forma rápida, pois a mobilidade e o contacto com as pessoas é permanente. Tanto no meu tempo como quem chega agora, vejo uma adaptação sem grandes dificuldades, onde as pessoas acabam mesmo por adotar a cidade como a segunda casa deles, como é o meu caso claramente.</i></p> <p><i>E3. Eu creio que é um processo fácil desde que o aluno também tenha interesse e abertura para isso. E a cada ano vai havendo ainda mais opções para que cada um possa seguir o seu próprio caminho nesse processo de integração, pois cada um com personalidades, gostos, visões diferentes, poderá idealizar um processo de integração assente em outros aspetos e valores.</i></p>
	<p>P18. Que diferenças consegue agora perceber na sua personalidade?</p>	<p><i>E1. Bom, com o passar dos anos aprendemos muitas coisas, mas em relação as minhas dificuldades quando cheguei, hoje sou um homem responsável, tive que aprender a ser, tenho 2 filhas, uma companheira, um lar, hoje sei gerir o tempo, o dinheiro, ver as prioridades e agir em conformidade.</i></p> <p><i>E2. Eu tornei-me mais próximo e mais atento ao meu círculo de amigos, mais protetor diria eu. Hoje sou uma pessoa menos egoísta, tento ajudar quem chega e precisa sempre de ajuda, dicas, conselhos, pois fizeram isso por mim também quando me senti meio perdido em alguns momentos. Sem dúvida uma pessoa mais responsável e capaz hoje.</i></p> <p><i>E3. Hoje sou, sem dúvida alguma, uma pessoa mais sociável, desenvolvi em mim um espírito de liderança, fruto da minha envolvimento em</i></p>

		<i>organizações de diversas atividades para a comunidade Africana, e também uma pessoa responsável, mas isto ganhou outra proporção depois de ser mãe.</i>
4. Motivações de permanência	<p>P19. Em que momento percebeu que deveria ou poderia dar continuidade a sua vida pessoal e profissional nessa mesma região onde fez os seus estudos?</p> <p>P20. Que fatores tiveram maior peso nessa decisão?</p>	<p><i>E1. Eu diria que tudo aconteceu de forma natural, a minha primeira filha chegou ainda estava amei do curso, isso muda muita coisa, já não era só eu na equação, tendo uma filha voltar para cabo verde sem uma certeza de trabalho era arriscado, em contrapartida assim que terminei os estudos eu encontrei um trabalho que aprendi a gostar, ajudando os velinhos, me senti valorizado como homem, e como profissional também, aí decidi ficar mesmo.</i></p> <p><i>E2. Na verdade foi pouco tempo de pois de começar a trabalhar como barbeiro e a ganhar o meu próprio dinheiro, foi quando me senti realmente independente. Foi também por causa disso que fui deixando andar, e demorei a acabar o curso.</i></p> <p><i>E3. Assim que tive o meu primeiro filho, eu pensei que ele estaria melhor aqui, pois eu poderia lhe dar melhores condições tendo um trabalho, e com o segundo filho e um trabalho melhor e mais estável, já estava tudo mais que decidido, o nosso futuro passa por estar aqui, pelo menos por agora.</i></p> <p><i>E1. A minha família.</i></p> <p><i>E2. Sem dúvida a minha família. Depois de mim veio a minha irmã para ca estudar em 2017, e em 2019 a minha mãe deixou tudo e mudou-se para ca com o meu irmão mais novo que tem agora 13 anos, temos a família toda reunida, sinto-me em casa.</i></p> <p><i>E3. Em primeiro lugar o bem-estar dos meus filhos, a possibilidade de terem um futuro melhor, mas tanto eu como o meu namorado nos sentimos bem aqui, nos sentimos em casa, a nossa segunda casa.</i></p>

	<p>P21. Foi uma decisão fácil ou uma imposição das circunstâncias da vida?</p>	<p>E1. <i>Fácil não, mas eu diria natural pelas circunstâncias em questão, dar segurança aos meus tornou-se minha prioridade.</i></p> <p>E2. <i>As coisas foram acontecendo naturalmente, primeiro me sentindo bem aqui, depois o trabalho a correr bem, e com a vinda da minha família tudo ficou encaminhado, uma decisão fácil perante as circunstâncias.</i></p> <p>E3. <i>Nem fácil nem uma imposição da vida, eu diria que foi uma escolha consciente e ponderada tendo em vista o melhor para a nossa família. Voltar a casa com dois filhos e procurar emprego lá, sabendo que não seria fácil encontrar, era uma decisão muito arriscada quando se tem filhos.</i></p>
<p>5. Percepções em relação à comunidade</p> <p>5. Adaptação/ integração de novos alunos</p>	<p>P22. Como descreve algumas das mudanças que percecionou ao longo desse tempo?</p> <p>P23. Quais mudanças consegue realçar?</p>	<p>E1. <i>Da minha chegada até agora muita coisa mudou.</i></p> <p>E2. <i>Eu diria inesperadas, pois nunca tinha pensado em ser barbeiro, e nem que iria ficar aqui a viver e tendo a minha família comigo.</i></p> <p>E3. <i>Em mim muita coisa mudou, abri-me ao mundo, às pessoas, aos projetos sociais e não só, cresci como pessoa, mulher e mãe. A cidade também cresceu, em número de habitantes, empresas, houve mais investimento privados e públicos, uma mensagem aos jovens, que a cidade poderá dar oportunidade a eles de progredir a nível profissional. A cidade foi aprendendo cada vez mais a receber e integrar, e também a dar oportunidades a quem quiser fazer daqui a sua casa.</i></p> <p>E1. <i>Eu já tinha casa pois o meu irmão já ca estava, mas nessa altura era muito fácil e barato ter um apartamento ou quarto, hoje está difícil e caro. Nessa altura os estudantes africanos liderados pela AEAB eram um único grupo, unidos, uma família, hoje com o enorme aumento desse número de alunos, isso perdeu-se. Mas tem coisas positivas, com o passar dos anos vejo hoje uma maior</i></p>

	<p>P24. Acredita que a região tem potencial para que outros possam seguir o seu exemplo e permanecer? Que aspetos enumera como importantes?</p>	<p><i>aceitação e tolerância da cidade aos estrangeiros, uma abertura do mercado de trabalho também, com isso alguns como eu decidem ficar por cá, o que é bom para o desenvolvimento dessa região.</i></p> <p><i>E2. Tornei-me muito mais responsável, e mais dedicado a família.</i></p> <p><i>E3. Quando cheguei eram pouquíssimos africanos a trabalhar em Bragança, hoje são muitos, temos até empresários, uma grande evolução.</i></p> <p><i>E1. A cidade tem crescido a olhos vistos, e com isso precisão de jovens e de mão-de-obra. Sendo uma cidade segura, com um nível de vida acessível, tornasse convidativo para que os recém-formados possam ficar e dar continuidade a vida profissional.</i></p> <p><i>E2. Isso já está a acontecer, muitos outros começaram a trabalhar mesmo antes de terminarem os cursos, e depois foram ficando. A região tem crescido, tem havido investimento para que os jovens possam se fixar aqui. É preciso que continuem a investir nos jovens e a cidade vai crescer e dinamizar.</i></p> <p><i>E3. Sim sem dúvida que sim, Bragança avança aos poucos para uma cidade multicultural, onde há espaço para quem vem de fora acrescentar valor. Tem havido investimento para tornar a cidade mais atrativa e cativar os jovens. Mas é preciso fazer atenção a falta de opções para esses jovens que decidem ficar, a nível desportivo, recreativo e ocupacional, cultural.</i></p>
	<p>P25. Em que medida as características pessoais de cada um, poderão ter impacto nessa região?</p>	<p><i>E1. Cada um que vem, trás e deixa aqui um pouco das suas vivencias, da sua essência, forma de ver e de estar, isso tudo influencia a sociedade uma vez que as pessoas se tornam mais recetivas e tolerantes.</i></p> <p><i>E2. Como se diz na gíria, «cada um é como cada qual», pessoas deferentes, com</i></p>

	<p>concluído os seus estudos?</p>	<p><i>que esperado para concluir os estudos mais hoje isso permite-me ter um emprego que gosto e cuidar da minha família.</i></p> <p><i>E2. Foi sem dúvida os melhores anos da minha vida, muito aprendizado, muitas experiências, onde fui forçado a evoluir, a crescer tanto como aluno, colega, amigo, cidadão e profissional. Hoje olho para trás e consigo ver esse antes e depois. Acho que todos nos chegamos aqui muito imaturos, mas prontos para aprender e começar o fazer o nosso próprio trajeto de vida. Quase que diria que é o ponto zero, onde passamos a guiar as nossas vidas e também a sofrer as consequências de cada ato. Ter terminado os estudos foi uma alegria imensa, em alguns momentos cheguei a duvidar que eu fosse conseguir tal feito. Foi um alívio e também um sentimento de orgulho. Embora hoje tenha um trabalho que goste e ganhe razoavelmente bem, por isso não estou desesperado em procurar trabalho na minha área de formação, mas tenho o diploma e posso usar quando precisar.</i></p> <p><i>E3. Houve uma grande mudança na minha vida, aprendi muito dentro e fora da escola, cresci bastante como mulher, mãe e companheira. A vida profissional vem trazer outros desafios que nos fazer progredir e ser melhores.</i></p> <p><i>Concluir os estudos foi um orgulho para todos, ter aqui os meus pais na queima das fitas foi incrível, mas principalmente vejo agora as portas que me abrem a conta disso, possibilidade de sonhar com algo melhor.</i></p>
	<p>P28. Que dificuldades nesse processo de adaptação e integração, prevalecem atualmente?</p>	<p><i>E1. Sem dúvida o frio, não há meios de uma pessoa se habituar a isso, embora hoje consiga ter uma casa mais preparada para o frio.</i></p> <p><i>E2. Tanto em mim neste momento ainda, como em quem chega agora, o frio sem dúvida, embora hoje eu me aguento melhor, fui aprendendo a me vestir melhor, a escolher melhor onde morar pois isso faz muita diferença no inverno. Eu tento ensinar algumas coisas aos caloiros, mas mesmo assim o impacto do frio é bem grande, os</i></p>

		<p><i>ossos não estão nada preparados [...]. Antigamente éramos poucos, mas unidos, fazíamos questão de tudo fazer para integrar os caloiros, mas hoje a comunidade é muito maior, é impossível fazer o mesmo, logo a iniciativa de querer se integrar deve partir também de quem chega. Uma boa integração no primeiro ano é meio caminho andado para as coisas correrem bem no futuro.</i></p> <p><i>E3. As dificuldades a nível da minha personalidade, como medo e insegurança, foram embora, essa luta eu venci.</i></p>
--	--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------